

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente SAYÃO CARDOSO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIV

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1927

N. 158

Grupo mantenedor

A. Pamphiro, Mario Travassos, Sayão Cardoso
(Redactores) J. B. Magalhães, Danton Verissimo (da
Redacção) Luiz Procopio, Jorge Duarte, Jourdan, Dr. Alcindo Pereira (da
Administração) Paes de Andrade, Sílio Portella, Nilo Scheleter, Eurico Dutra,
Orozimbo.

Edição de 32 páginas

SUMMARIO

EDITORIAL

..Lembrai-vos da Guerra"

COLLABORAÇÃO

A propósito da situação militar	Cap. J. B. Magalhães
O problema do serviço de remonta	1.º Ten. V.º Pimentel
O problema da instrução	1.º Ten. A. Carnaúba
Sugestões	Diversos
O Cinema no Exército (Trad.)	1.º Ten. Alcindo Pereira

DA REDACÇÃO

Os nossos problemas insolúveis — O espírito de
nossa reforma militar — O direito e a força;
as forças morais (Trad.) Táctica na Carta —
Em torno do S. G. M. — O chefe (trad.) Sub-
sídio para os quadros de reserva — Ephemerides
do mês — Expediente e Bibliographia,

Acaba de sahir do prélo:

Noções de Topographia de Campanha

PELO

Ten. Cel. Paes d'Andrade

Obra muito util especialmente aos officiaes
subalternos e inferiores dos corpo de tropa.

A' venda na Redacção de A DEFESA NACIONAL
e na PAPELARIA MACEDO, Rua da Quitanda, 74 - RIO DE JANEIRO

Preço (exclusive porte do correio) — 5\$000

Guia do Commandante do Grupo de Combate

T. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel

Tratando de tudo o que compete saber ao seu
commandante para bem dirigir a sua pequena
unidade quer na paz quer na guerra.

Preço 5\$000

NOTA — A' venda na A Defesa Nacional
á rua da Quitanda, 74 - Rio

Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de
um sello de 500 rs. para a remessa.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente SAYÃO CARDOSO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIV

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1927

N. 158

EDITORIAL

“Lembrai-vos da Guerra”

«A guerra é quase sempre um incidente da paz, como a morte é um fenômeno da vida. Não há povos que estejam menos longe dela do que os que abdicam a liberdade, os que se enfraquecem pela discordia, ou se arruinam pela anarchia.

Uma nação que confia nos seus direitos, em vez de confiar nos seus marinheiros e soldados, engana-se a si mesma e prepara a sua própria ruína.»

(Lição do Extremo Oriente — Ruy Barbosa.)

E' preciso que se esteja sob a hipnose das mais acirradas paixões para que se não sinta a gravidade da situação militar do Brasil.

Do que tínhamos, resta-nos muito pouco. Cinco longos annos de pronunciamentos nas guarnições militares e de correrias armadas através do sertão, bastariam para desarticular completamente a grandiosa obra que emprehendiamos. Mas, houve ainda a incontinencia das medidas repressoras, o desmantelo consentido além do imposto por aquellas razões.

E' que a manutenção do regime sobrepõe-se de modo absoluto à manutenção da soberania nacional. Raros foram os que, durante esses annos de incontidas refregas, pensaram na Patria, acima dos interesses partidários, senão pessoaes.

**

Em quanto isso, a actividade militar ao sul do continente tem sido intensificada methodica e generalizadamente. Acquisição de copioso material e possibilidades de fabricação de material de guerra; preparação tática dos quadros e manobras visando dar ao commando o hábito da direcção de grandes unidades;

aumento considerável do poder naval, não só quanto á potencia e ao número do material fluctuante como ao aperfeiçoamento das bases navaes existentes, e formatação de outros recursos dessa natureza; política econômica e ferroviária acompanhando de perto toda essa complexa montagem, eis, em resumo, o que tem sido feito.

Longe de nós qualquer censura a essa actividade militar, apesar de que sem precedentes na história sul-americana se attentarmos para a multiplicidade de seus desdobramentos e as responsabilidades financeiras que acarreta. Cada povo está livre de assegurar sua própria soberania, quiçá levar a nação a attingir os objectivos superiores de sua política.

Quem quer que estude as circunstâncias políticas do extremo sul da vertente atlântica do continente, não pode deixar de reconhecer o espírito de coherência que existe entre a citada actividade militar e as demais actividades que estão manifestadas pela política fluvial e ferroviária, em curso já de há muito.

Se, porém, quando da Conferencia de Santiago, a nossa inferioridade militar e naval, dentro do continente era insophismável, a que não estaremos redu-

zidos agora, em presença dos novos dados, segundo os quais se fundamenta o problema militar continental?

**

Quantos procurem isolar-se das competições internas, alçar-se acima da luta dos partidos e das injunções circunstâncias dos políticos inconsequentes; quantos se esforcem por manter *constantemente presente no espírito a finalidade essencial das forças armadas do país*, não podem deixar de encarar de frente as sérias apprehensões geradas por êsse estado de coisas.

Caso se desencadeie um conflito armado no sul do continente, de cujos interesses participamos através da vida de seis dos Estados da União, seremos capazes de manter a nossa propria neutralidade? Se qualquer Estado sul-americano, dos mais fracos, appellar para nossa tradicional política de generosidade, seremos capazes de prestar-lhe o apoio indispensável? Se o conflito nos arrebatar directamente e lançar-nos na fogueira das batalhas, seremos capazes de empenhá-las e levá-las a bom termo? Em-fim, quaisquer que sejam as circunstâncias, seja qual for o momento, apresente-se como se apresentar o conflito, seremos capazes de manter íntegra a honra do Brasil?

As respostas a tais perguntas, essas sim, é que nos preocupam. Falta-nos a certeza necessária a uma resposta absolutamente positiva para cada um desses quesitos. E, quando não se têm essa positiva certeza, não se pode deixar de acolher, de ponderar as mais escuras apprehensões.

A guerra hoje não se faz só de heroismos, mas repousa, sobretudo, em meticulosa e longa preparação. A arma automática sepulta todos os heroismos na mecânica ironia de suas sinistras gargalhadas. E os motores das esquadrias aéreas, passando indiferentes por sobre todas as bravuras que se revelem em campo raso ou nas pelejas defensivas, vão direito aos centros vitais de abastecimento e de transporte, desorganizando tudo, material e moralmente.

Não há dúvida que sabremos lutar, mas é preciso que a Pátria continue a viver com honra, respeitadas as suas tradições militares e os seus direitos políticos, que o sacrifício da vida de cada

um represente, de facto, a victoria da nacionalidade.

**

«Lembrai-vos da guerra» — eis as palavras de ordem que as circumstâncias políticas e militares actuaes nos impõem.

Cada um deve dizer-se a si mesmo essa fórmula superior de solidariedade militar, porque se apoia na defesa da integridade nacional QUE TUDO ABRANGE.

Não é um grito de guerra, mas um voto permanente pelo Brasil coheso e livre. Não é desejar a guerra, mas estar á altura de suas duras contingências quando ella despontar.

Nas modernas democracias, não é possível comprehender-se o militar sem que elle esteja completamente absorvido pelos seus próprios deveres militares. Os exércitos de conscriptos, o conceito moderno da guerra, as actuaes características da política militar de todos os povos, comprovam sobejamente que, em nenhuma situação, podem os militares beneficiar melhor a nacionalidade do que quando apegados á cruz, ao evangelho do seu incomparável apostolado cívico, que outra coisa não é, em nossos dias, a carreira das armas.

A preparação militar — nos corpos de tropa, nos serviços ou nos estados maiores — é, modernamente, obra de organização político-social, de ordem e disciplina, obra de alta monta.

Seja na manipulação da matéria prima que produz as reservas em homens; seja no levantamento de todos os recursos materiais e morais que a guerra exige e consome — por toda a parte e sempre o oficial representa, por si mesmo, por sua propria actuação profissional factor político e social de relêvo. A prova mais positiva da nossa incapacidade militar está em haver ainda nos quadros quem subordine o principal ao secundário — quem pretenda a regeneração social e política da nação annullando-lhe todas as possibilidades para a manutenção da propria soberania!

Ninguem se lembra que a guerra pode estalar um dia e que, então, além de todas as dificuldades inherentes ás nossas condições geographicas, políticas, economicas e sociais teremos que arcar com mais uma — a nossa desorganização militar.

A propósito da situação militar

O espirito da reforma

Les officiers étaient en nombre insuffisant et souvent au dessous de leur tâche, ce que tenait à des causes multiples.

L'un des principaux réproches que le feld-maréchal von der Goltz, avec d'autres, adresse aux jeunes officiers turcs est le manque d'expérience pratique.

(General Palat — Guerre des Balkans — 1912 - 1913).

Pelo Cap. J. B. Magalhães.

Quem lê a imprensa continental e tem noticias da grande actividade militar que reina nesta parte da jovem América, não pode deixar de meditar profunda e aprehensivamente, se ama de fado nossa cara Patria.

Uma fôrça militar relativamente consideravel se forma apressada e energeticamente em torno de nós outros, perturbados por desavenças politicas...

Há perigo? E' condemnable que assim procedam vizinhos nossos quando justamente estamos em crise e tem synapses o nosso progredir natural?

Perigo haverá se não soubermos conjurar a crise e agir preventivamente. Condemnable será se essa força desencadear a aggressão que a celeridade de sua constituição parece denunciar.

Mais condemnable porém, será nossa conducta, por criminosa, de lesa-patria, se retardarmos e, por questões subalternas, por insuficiencia pessoal mesmo, não soubermos achar os meios bastantes para jugular o perigo.

E' impossivel desconhecer que esse desenvolvimento militar de vizinhos nossos coincide em parte com grandes interesses continentaes e realiza um dos ideaes que devem presidir á communhão politica Sul-Americanica: *ter uma fôrça capaz de neutralizar certos imperialismos.*

O perigo está no isolamento, no momento e na celeridade. Constituindo-se ansiosamente célere, aquelle movimento têm evidentemente um carácter aggressivo, contra um alvo que ainda é uma esphinge.

De resto, o phenômeno é paralelo a outros phenômenos políticos, não explicitos mas sensiveis, apesar dos mais flagrantes protestos cordiaes, que tendem a explorar causas existentes ou possiveis causas de dissídios na familia sul-americana, o que tira d'esse movimento mi-

litar um legitimo caracter defensivo para avivar um caracter mais que offensivo, para não dizer — provocante.

Não se justifica portanto, deante dos mais legitimos interesses nacionaes, que fiquemos impassiveis, indiferentes, em meio de nossas perturbações quando possuimos cursos capazes de neutralizar essas caças tanto mais perigosas quanto mais veladas se apresentam.

Não nos faltam esses recursos e é obra fácil tirar *elles* partido, desde que saibamos reconhecê-los e enfrentar decisivamente as obras necessarias ao seu util aproveitamento.

Não pensamos aqui em levar avante uma politica armamentista exagerada, tendencia que agora começa a se accentuar na America do Sul, se não no ideal da realização de uma fôrça que possa ter uma applicação de interesse commun.

Mas já agora é preciso ter em conta a urgencia na montagem de nosso mecanismo militar e bem pesar se sua fôrça será de molde a conter certos impetos que podem nos ameaçar evidentemente.

Agora, nesta hora, devemos reconhecer o perigo criado pelos abalos sofridos pela actuação de nossos pessimos habitos politicos que arrastaram o país aos azares da guerra civil e á tristeza das sublevações militares intermittentes.

Perigo há e é preciso conjurá-lo.

**

Quem examinar com vistas práticas a contextura physica de nosso país, sua geographia económica e sua história politica e sobre tudo militar, e fôr capaz de estudar as diversas possibilidades de um estado de guerra, verá limpidamente que nossa segurança repousa na existencia de uma fôrça de utilização immediata e que nossa razão final reside nas possibilidades de manter essa fôrça e desenvolvê-la.

A primeira só pode resultar de uma boa organização de paz, convenientemente preparada e localizada; a segunda, principalmente, no intelecto desenvolver das linhas interiores de comunicações.

Mais urgente que multiplicar as ligações Rio-S. Paulo, apresenta-se evidentemente religar, por múltiplos e diversos laços S. Paulo aos estados do sul, não só dobrando, pelo menos, as ferrovias existentes em suas possibilidades de tráfego, como unindo as pontas dos trilhos que morrem a meio caminho, do sul e do norte, numa solução incompleta e como que indicando aos homens o que devem fazer; e ainda criar nessa zona as grandes rodovias de penetração, complementares.

Não é o suficiente, porém. Isto, attendendo ás necessidades mais urgentes da *segurança*, não garante a vitória, porque o grande e immenso Norte não estaria certo de poder concorrer á batalha em tempo útil, faltando, portanto, a ella a nossa melhor infantaria.

Então, entra na urgencia dos trabalhos aprehender a linha dupla de bitola larga da Central, levada num lance até Belém do Pará, servindo de eixo ás comunicações com o Norte e nelle vindo entroncar-se as bitolas estreitas dos Estados.

Seria deshonrar nossos grandes emprehendedores considerarmos isso uma obra cyclopica e de carácter secular. As grandes realizações até aqui effectuadas autorizam-nos a crer obra fácil, a uma vontade de ferro contando com os grandes recursos da industria moderna. Decidamo-nos.

Conforme nosso carácter o que custa não é realizar, é tomar a decisão de realizar.

**

Isto seria o trabalho de colaboração da administração civil na organização da defesa nacional. Os ministerios representam divisões administrativas, mas as necessidades da Patria não se devidem em ministerios, elles aparecem em bloco cumprindo a cada um prehencê-las no que lhes diz respeito, em ligação com os outros.

De resto, embora servindo directamente ás hypotheses de guerra essas obras contribuiriam para a nossa prosperidade económica, cívica e social.

Não ha, pela escassez das vias de comunicação, estrada com fins estratégicos que no Brasil não possa logo representar um alto valor económico, mormente as grandes linhas, desde que com os trilhos marchem os cultivadores da terra...

E' preciso não esquecer que as estradas antes de transportar tropas, transportam mercadorias, como o Exercito permanente antes de fazer reservistas trabalha cidadãos, dando-lhes ou fortificando nelles a noção de solidariedade, criando-lhes hábitos disciplinares, e melhorando a instrução de todos: uns, por lhes dar letras de que são incultos; outros, por lhes fornecer novo campo ás suas observações e meditações.

**

A *segurança*, como dissemos, implica, por excellencia, a idéa de uma força inicial mínima em condições de entrar rápida e automaticamente em acção.

Daí surgem duas necessidades: uma, que é preciso ter *um numero*; outra, que este numero deve possuir a *melhor qualidade*.

O *numero* servirá não só para oppor-se com bom exito ás primeiras e mais perigosas vontades do inimigo, como para preparar novos elementos afim de realizar a força com que nossa vontade se ha de impôr a seu turno; *isto numa mediocre e forçada mentalidade defensiva*.

A *qualidade*, virá minorar os dispêndios de toda ordem, notadamente de *material humano e financeiro*, como é óbvio.

O *numero* é uma questão pura e simples de uma legislação que se cumpra; a *qualidade* requer algumas considerações.

A *qualidade* de uma força é o seu valor moral e technico. Instruir a força de modo a fazê-la comprehender e amar sua missão, como conhecer e aceitar suas necessidades, eis tudo.

Isto será, porém, criar uma *mentalidade constructora*, formar um ambiente capaz de alimentar o moral de cada um de per si e extinguir as fontes negativistas.

**

A fôrça é aqui o Exército e a fôrça do Exército vale o que valer sua *mentalidade*. Esta reside no valôr de sua *hierarchia*.

No estado actual há falhas, porque más *influencias políticas* perturbaram o progredir natural da obra que se iniciara.

Quer isto dizer que a Nação foi quem perturbou o Exército?

De algum modo é uma verdade inconteste *mas isso só foi possível porque este exército não possuía uma mentalidade em vista de sua missão*, não estando, portanto, em plena saíde.

Num regime de trabalho intenso, visando a guerra, não só não se haveriam de lembrar delle os maus politicos, para lhe dá-lo ou detratá-lo como não teria ei ouvidos para as appellações prejudiciaes á Patria, fosse quem fosse que em seu nome falasse.

Não perderia jamais de vista sua missão: guarda da nacionalidade para evolução pujante de um *Brasil futuro*; guarda do territorio, contra ameaças e tendencias que se antolham perigosas.

**

A segurança nacional exige que elle se reconstitúa *com urgencia e em definitivo*. Para isso será preciso montar a organização militar, material e pessoal, mas sobretudo refazer sua alma, isto é, sua *mentalidade*, sem o que tudo ficará improductivo, mesmo perigoso, em todo caso inutil. Seria realizar a fôrça de um touro, céga e louca.

Mas a *mentalidade* de um exército reside nos seus quadros. E' portanto a reforma destes que prima em urgencia e deve primar em attenções.

**

A *hierarchia militar* comporta divisões e encerra em si varios estados, conforme a amplitude cada vez mais geral e complexa da esphera de acção de seus postos, conforme o caracter mais geral ou mais especial das diversas actividades.

Seja, porém, como fôr, há dois estados da *hierarchia*, que se devem considerar em separado, por sua importancia preponderante no conjunto do mecanismo militar: o *generalato*, orgão das decisões, fonte natural das impulsões; o *officialato de E. M.*, órgão da prepa-

ração, cuja funcçao principal é permitir ao *generalato* tomar, não uma decisâo, mas a *melhor decisâo*.

Não quer isto dizer que as outras funcções technicas, da tropa etc., careçam de importancia, mas aquellas preponderam pela posição central e o carácter coordenador que possuem sobre estas que perfazem os meios, que as E. M. preparam e os generaes applicam.

**

E' claro, portanto, que na hora actual quaisquer acções emprehendidas sem ter em vista o modo peculiar por que nossa *hierarchia* está constituída, arriscam perder-se.

Para receber as novas reformas necessarias reformas que devem vir modificar fatais pontos de vista e enfrentar decisivamente a *hypothese de guerra*, é preciso operar na *hierarchia* transformações, embora paulatinas e calmas, mas successivas, continuas e crescentes, capazes de criarem e desenvolverem *costumes novos* e *uma mentalidade*, sobretudo optimista, prestigiosa, confiante emprehendadora, calma e activa.

São precisas as vontades para completar as leis, disse-o eminent哲学家, referindo-se ás da natureza. Para as criadas pelos homens só existe qualquer valor real, quando, além do acordo necessário com as da natureza, os homens as comprehendem e sentem sua necessidade, isto é, quando repousam numa *mentalidade* apropriada.

O moral domina o homem na paz e sobretudo na guerra, que é um estado de crise, agudo.

Ora, num Exercito esse moral reside nos quadros, isto é, na *hierarchia*.

Só ella será capaz de sustentar o valor do Exercito e só ella será capaz de impregnar o ambiente nacional do sentimento de suas necessidades militares, de dar-lhe ardor e confiança na efficacia da organização incorruptivel de sua defesa.

Se a *hierarchia*, por seu valor intrínseco, seu prestigio, pelo brilho e vigor de sua palavra certa, precisa, clara, honesta e corajosa não puder esclarecer á Nação e inspirar-lhe fé nos seus destinos, nada haverá a fazer.

**

Está nossa hierarchia militar nas condições exigidas pelas necessidades prementes e grandiosas do momento? Pode executar plenamente *as reformas*?

A priori, tendo em conta os acontecimentos de nossa historia e as leis e processos de formação de nossos quadros, pode-se acertadamente responder pela negativa.

Faz-se preciso, portanto, reformá-la em primeira urgencia e para isso dois meios naturaes e espontaneos: — um, já mais ou menos reconhecido, o recurso das escolas para officiaes; — outro, o estabelecimento de uma lei de promoções conveniente.

A primeira solução tem ainda seu carácter de *órgão regenerador* francamente esboçado por estar todo ensino entregue á M. M. F.

Dizemos esboçado porque é preciso ponderar que o *carácter regenerador* exige uma apparelhagem impeccável o que não é precisamente o caso actual.

Como é sabido, são as escolas em toda parte as fontes de alimentação da hierarchia, sendo nellas que se preparam, apuram ou depuram as capacidades, mas aqui lhes cabe ainda esse *carácter regenerador* assinalado.

Quer isto dizer que suas falhas serão mais sensiveis e graves tendo consequencias de mais profunda e dilatada duração.

Lá, nos países onde a machine militar está montada com perfeição e funciona a pleno regime, as deficiencias de uma preparação escolar podem ser facilmente escoimadas pelo ambiente em que se vai depois desenvolver a accão, o meio pratico.

Aqui, as imperfeições desse meio pratico sendo multiplas, tenderão antes a ampliar as falhas que a eliminá-las.

Essas considerações que cabem de um modo geral a todas as escolas militares redobram de valor quando penetram o recinto daquella que forma e recruta officiaes de *estado maior*.

**

Em todos os países do mundo, organizados nos moldes da civilização occidental, onde imperam cada vez mais energicas as necessidades de ordem, por causa mesmo da diferenciação crescente das funcções, que é a principal característica

dos progressos dessa civilização, o officialato de E. M. representa uma selecção acurada e judicosa nos quadros dos exércitos.

Mais que em outra qualquer parte, formam-se nos exércitos escóis cuja constituição deve conter o minimo de falhas para que possam funcionar como órgãos de coordenação de elementos que se especializam e diferenciam em extremo, com firmeza e segurança.

E' por isso que, em regra, considera-se o certificado de curso de E. M. como um attestado serio de provas rigorosas a que se submeteram seus portadores.

Ora, representarão os nossos officiaes de E. M. o producto da selecção que melhor conyiria á nossa Patria?

Não permitem as condições de sua formação e as de vida de nosso Exército uma certeza a tal respeito.

O estado incompleto da organização militar, as impossibilidades em que temos vivido de cumprir os regulamentos de instrucção cujos programmas não têm o grado um desenvolvimento normal, completo, progressivo e ininterrupto, constituem, entre outros, motivos do que afirmamos. A bôa vida militar, assim, não existe e deixa de atrair capacidades talvez mais valorosas que as actuaes o que se pode deprehender da fraca frequencia que têm os concursos de entrada na E. E. M.

Nem se diga que o motivo desta escassez de concurrentes é producto da invalidade prática, para a carreira do official. Mais nos parece evidenciar isso, uma certa insufficiencia de valores reaes, o que é necessário a todo transe combater.

De outro lado, não obstante a rara competencia dos mestres, as faltas de meios não permitem aí mesmo na E. E. M., cujos despendios seriam sempre insignificantes em vista do reduzido numero de alumnos, uma cultura intensiva e completa.

Não queremos malbaratar os resultados adquiridos, palpaveis e visiveis, mesmo volumosos mas lastimamos o que deixámos de obter, o que poderíamos ter conseguido com medidas e recursos materiais mesmo insignificantes.

Portanto, tendo-se pleno conhecimento das necessidades, é preciso corrigir todas as causas de deficiencia, aqui

mais que em qualquer parte notadas e notaveis.

E' preciso pensar que o objectivo de toda instituição militar é a guerra e que esta, hoje, só se prepara na paz. Quer isto dizer que será de nossos pensamentos, de nossos sentimentos, de nossos actos na paz, por minimos que sejam, (e que aos E. M. cabe notadamente fomentar, dirigir e corrigir) que as sequencias da guerra terão curso.

Nas condições actualmente transitorias de nossa situação militar é o papel dos E. M. mais extenso que nos países militarmente organizados, mais extenso e mais difficult. Esse papel comporta uma dupla actuação: sobre o Exército e sobre a sociedade civil; não como mero regulador estimulante, mas aqui como criador de pensamentos e sentimentos. Da capacidade e da habilidade dos officiaes de E. M. vai na maior parte depender o successo geral da organização da defesa nacional.

Pode-se assim resumir o duplo papel que lhes cabe:

— um, puramente interior, anônomo, silencioso, no âmbito discreto dos E. M., preparando por assim dizer materialmente a guerra, e onde a melhor recompensa deve ser o sentimento intimo do dever cumprido, a contemplação dos frutos impensoaes do proprio trabalho;

— outro, exterior, n'uma acção individual, pessoal e collectiva, sobre a sociedade civil, pela palavra e pelo exemplo, preparando moralmente a guerra, isto é, tornando essa sociedade favoravel á preparação da guerra; e ainda sobre o proprio Exército estimulando-o, impulsionando-o para que encare definitiva e decisivamente seus melhores destinos e possa ser confiantemente olhado pela Nação.

E' evidente, pois, que não haverá reforma capaz de sobrepujar em valor aquella que se referir á melhor formação dos officiaes de E. M., só se podendo admittir as faltas de meios no ensino, em virtude de razões invenciveis.

**

Podemos agora concluir: nenhuma reforma poderá prevalecer e dará frutos se não abranger em seu seio a conveniente preparação da hierarchia militar,

dos quadros, que são o órgão de execução.

A reforma da hierarchia deve prececer, acompanhar e nunca succeder ás outras reformas.

As actuações incompletas sobre a hierarchia, não satisfazem e podem causar males profundos: se a actuação é apenas sobre os postos inferiores, gera indisciplina, como temos exemplos; se a actuação visa apenas a preparação technica e esta não é nimiamente practica e completa, cria uma perigosa presumpção de sabedoria, como testemunham os missionarios alemães da Turquia nas guerras balcânicas.

Portanto: preparar o mais completamente a hierarchia por meio das escolas para todos os postos, mais conveniente e completamente apparelhadas, de modo a que os officiaes possam criar depois na tropa *habitos perfeitos*.

Na escola de E. M.: dilatar o curso, cujo tempo é insufficiente, para consolidar a cultura e provê-lo de meios para a multiplicação máxima dos exercícios praticos que devem evidentemente ser mais completos; não dispensar totalmente o concurso como se admitté agora para os officiais provindos da E. A. O.

Isto para a actuação sobre a hierarchia actual, como está constituída; para a sua optima formação definitiva, em vista das necessidades do futuro e da melhor guerra, estabelecer uma nova lei de promoções, nos moldes da proposta por esta Revista em seu editorial de Janeiro ultimo.

Finalmente grupar os melhores elementos saídos das escolas em nucleos de tropas bem providas de material e pessoal, criando-se assim centros capazes de manter e quiçá desenvolver, a mentalidade das escolas, mentalidade de trabalho e cultura technica visando, não apenas justificar a vida, mas fazer um dia, que pode ser amanhã, a guerra. Ir-se-ia desse modo organizando o meio militar, criando e desenvolvendo a sua grande arma, aquella que fica intangivel ás sereias politicas, que não se corrompe porque visa permanente e incessantemente seu objectivo — a guerra; — a sua grande arma, repetimos, que é uma mentalidade compativel e coerente com a sua razão de existir.

O problema do serviço de remonta á luz das necessidades da defesa nacional

Pelo 1.º Ten. Pimentel.

Em artigo publicado na «Defesa Nacional», n.º 153, de 10 de Setembro ultimo, sob o título acima, abordamos syntheticamente o que julgamos necessário fazer para a efficiencia que requer tão importante Serviço.

Não podíamos, de um só jacto, entrar nos pormenores dos diferentes aspectos que se nos apresenta o problema, mas temos o dever de completar a nossa critica technica.

Solidarios com o programma que os nossos camaradas da «Defesa Nacional», tomaram sobre os ombros, de transformar a mentalidade militar na sua evolução para a mesma rythmia dos phenomenos sociaes, inscripta na legenda de que — o Exercito hodiernamente, é a propria Nação em armas —, não trepidamos contribuir com os nossos parcos recursos para o estudo da reorganização do Serviço de Remonta.

O nosso precipitado artigo, despresticioso, teve por fim despertar a attenção dos estudiosos.

Assim, vemos, em curto espaço, os efeitos salutares, pelo apparecimento de um artigo do distinto camarada Sr. Capitão J. B. Magalhães, intitulado «A propósito do problema de remonta», n.º 155, de Novembro, desta Revista, em que corajosa e estudiosamente vem collaborar conosco. Agradecemos as referencias elogiosas a nós dirigidas n'aquelle seu artigo nos subsidios para a literatura do assumpto que diz termos corrido.

O «Diário Official», de 13 de Novembro, traz um projecto sobre a criação das («Haras Nacionaes»), Coudelarias Nacionaes, de autoria do Sr. Deputado Nabuco de Gouveia.

Com quanto não aceitemos as ideias, no que concerne ás linhas geraes do projecto, que reputamos clevado de falhas nos fundamentos zootechnicos e de organização, como disso cuidaremos ulteriormente, e tambem, no que se relaciona com a escolha do reproductor, quer do projecto, quer do artigo, verificamos os frutos que a «Defesa Nacional» vai conquistando.

No nosso artigo anterior, estudamos o assumpto de uma maneira geral, sem entrarmos, entretanto, nas suas razões technicas.

Quem se propõe estudar a regeneração de uma raça tem que examinar o *individuo*, com a sua origem, a sua historia, os factores ethnicos de sua formação, as causas dependentes e fortuitas do seu apparecimento, comparando o seu estado primitivo com o presente, suas condições biologicas (embryologicas, physiologicas e anatomicas) e suas condições pathologicas em relação a descendencia, ao trabalho e ás chamadas condições de meio; as variações que soffreu o individuo, tanto as dependentes das mãos do homem, como as independentes de sua intervenção; o meio, com os climas, nas suas diferenças de pressão barometrica, as variações thermometricas, chuvas, os gráus de longitude e latitude, etc. —, o sólo agindo directa e indirectamente por sua composição physico-chemical —; a fauna, em relação ao sólo, dando vegetaes menos ou mais abundantes em elementos, que formam os organismos —, os relévos geográficos, influindo poderosamente nas conforma-

cões e cursos d'agua —, a luz agindo também pela sua maior ou menor intensidade —, a influencia da electricidade, as leis hereditárias e atavicas; a alimentação; as leis de gymnastica funcional, aré as do apparelho nervoso (equitação) que são baseadas em leis definidas de psychologia; a selecção, o cruzamento, as mestizações e a hybridação; os caracteres normaes e as monstruosidades, com a sua longa serie teratologica.

O Individuo

O individuo aqui não pode ser encarado senão no ponto de vista da zoologia experimental (a zootechnia), porque ella tem por objectivo conseguir o maximo de rendimento que podem dar os animaes domesticos, procurando e estudando os individuos dotados de magnificas qualidades, para o fim que se tem em vista, que na especie equina é o da producção do trabalho motor em suas diferentes modalidades.

O conjunto das qualidades que faz distinguir um individuo de outros da mesma raça ou de raças diversas, é o que constitue a individualidade.

E', por conseguinte, a base preliminar para se apreciar a raça.

Distinguimos na individualidade do nosso cavalo indigena *equus caballus*, os caracteres morphologicos, physiologicos e pathologicos, que iremos cuidar mais adiante, para darmos inserção á sua historia, afim de que não mutilemos a coordenada exposição do assumpto.

A Historia do cavalo indigena tem, como as outras Historias, o seu prefacio, que é a Prehistoria.

Quanto a esta os autores do primeiro periodo inicial de nossa Historia, negam a existencia do cavalo americano e affirmam que a especie foi trazida ao Novo Mundo pelos Europeus.

Em investigações recentes dos archeologos, foram, em diferentes partes da America, Norte, Central e Sul, descobertos esqueletos, cabeças e dentes que, pelos exames anatomicos procedidos, permitem conhecer a existencia americana do cavalo, antes que fosse, aqui, trazido pelos colonizadores europeus.

Deixemos, as indagações confusas da Prehistoria, para nos envolver na Historia.

Nos estudos unanimes dos historiadores, o nosso indigena, origina-se de eqüinos portugueses e espanhóis, vindos no periodo de nossa colonização patria (Shmildel, Sousa Fontes, Ferreira de Carvalho, Uchôa Cavalcanti, Carreus, Luís Misson, Aires Casal, Graciloso, Pedro Simão e Fernão Cardim).

Não sendo do nosso intuito tratar propriamente de factos historicos, os collocaremos á margem, para só procurarmos na Historia os elementos ethnicos da sua origem e o estudo de sua formação.

Dest'arte, o que temos a fazer é indagar do cavalo português, o *Alter Real* e do espanhol, o *Andaluz*, que deram origem á sua formação.

A origem e formação do *Alter Real* se confundem com as do *Andaluz*.

A separação do Condado portugalense do Reino de Castella, fez com que o primeiro se empenhasse a todo transe na criação abundante em seu território de animais da espécie equina, com o duplo fim de manter a separação de Castella e se prevenir dos azares da empreza guerreira contra os sarracenos.

Mas, o que ficou no Condado portugalense, foi o próprio *Andaluz*, numa confusão tal de caracteres, que era o próprio *Alter*, com as diferenciações de meio do território.

D. João II, tendo em vista a ameaça que fazia o Reino de Castella, procurou revigorar o sangue cavallar, importando de FEZ e de outras POSSESSÕES africanas, reproductores árabes e berberes, chegando mesmo a fixar em 1,32 e 1,54 a altura para as éguas portuguesas que deviam ser fecundadas pelos reproductores.

O nome *Alter*, mais tarde se generalizou na Historia, para designar o cavalo português, embora não fosse elle proveniente da localidade d' *Alter do Chão*, em Alentejo, que teve, em 1748, a famosa coudelaria que se originou a denominação de *Alter Real*.

O termo *Alter Real* se generalizou, para designar o cavalo português de uma forma geral, como tem sido empregado entre nós (Cavalo brasileiro — sua origem. Conferencia realizada na Escola de Cavallaria, pelo 1.º Tenente de Cavallaria JOAQUIM DUTRA e inserta no «Dragão da Independência», anno 1926).

Sancionaremos a denominação por julgarmos com fundamentos.

A criação do *Alter Real* é a do *Andaluz*.

A impulsão que dominou toda a Europa, no inicio do seculo XVIII, pelas ideias de Buffon, teve também em Portugal repercussão, fazendo com que D. João V tomasse o maximo interesse pela criação cavallar.

Antes da coudelaria de Alter do Chão, a criação é com animais árabes e berberes.

A nós, só interesse temos nessas minúcias até 1748.

A criação do Alter tinha como centros importantes, além da localidade Alter do Chão, em Alentejo, a de Portel e a de Salvaterra de Mago, no Ribatejo.

A reprodução se fazia com animais andaluzes, árabes e berberes, constituída de «cavallos de fino porte e mui notável distinção, que em breve foram olhados os primeiros da península».

O Alter tinha todas as qualidades do árabe, com altura de 1,32 a 1,54, segundo informes das notícias mais remotas.

O *Andaluz*, habitando mais especialmente o norte da Espanha, era, como o *Alter*, de peso médio, perfil céphálico convexo em todo o seu comprimento (carácter do berbere, que se disseminou fortemente na Espanha, em paralelismo com a ligeira convexidade do *Alter*), linhas de aprumos boas, extremidades do corpo finas, castanhas, delicadas, membros elegantes, bem formados e sem pêlos, tendões destacados, travadouro longo e talões baixos. PESCOÇO grosso, peito largo, costellas redondas, garupa ampla e crinas longas e onduladas.

Pelame sempre escuro.

Pela elegância, sobriedade, attingiu o *Andaluz*, no seculo XVIII, o maximo de reputação, merecendo de Gayot, o sabio zootechnista francês,

que dirigiu a formação do anglo-árabe, a denominação de «o puro sangue de outra idade».

Transcrevemos os seguintes conceitos sobre o andaluz: — «Les chevaux d'Espagne de belle race ont beaucoup de mouvement dans leur démarche, beaucoup de souplesse, de feu et de fierté. On préfère ceux de la Haute-Andalouse, quoiqu'ils soient sujets à avoir la tête trop longue; mais on leur fait grâce de ce défaut en faveur de leurs rares qualités; ils ont du courage, de l'obéissance, de la grâce, de la fierté et plus de souplesse que les barbes; c'est par tous ces avantages qu'on les préfère à tous les autres chevaux du monde pour la guerre, pour la pompe et pour le manège». (Encyclopédie, 1782 — Diderot et D'Alembert).

Temos assim o *Alter* e o *Andaluz* pelos caracteres árabes e berberes, formando o nosso crioulo.

O puro sangue inglês, que alguns reputam a raça regeneradora da nossa, foi em sua totalidade quase absoluta, constituída por cavalos andaluzes, turcos, berberes, syrios e persas, com o indígena da Grã-Bretanha, o que importa dizer que tem fundamentos nos próprios elementos do nosso crioulo, que tanto relegamos.

Se o puro sangue inglês é o supremo modelo do tipo longilíneo, próprio para a corrida de velocidade, foi tão sómente pelos factores de selecção dos reproductores, educação e treinamento, hygiene e alimentação.

Tanto é delgado, estreito e veloz, como poderia ser grosso, largo e vagaroso.

Foi a mão do homem que encaminhou a raça para as qualidades que desejava. Tal é a finalidade em zootecnia.

Não nos é lícito atirar fóra atributos tão raros que temos em nossa raça indígena cavallar.

Duas foram as correntes da colonização equina no Brasil: — uma ao Norte, das terras do Rio Maranhão até ao Cabo da Vela e outra ao Sul, pelo Rio Paraná, de animais trazidos por Pedro Mendoza, um dos fundadores de Buenos-Aires.

A do Norte, de solípedes portugueses e a do Sul, de eqüinos espanhóis.

Rapidamente foram se multiplicando no movimento de extensão para todo o país, até que pela sucessão de guerras nas disputas de mando dos colonizadores, foram deixados a se reproduzirem livremente, formando manadas selvagens.

Em contacto com as selvas bravias e os campos desertos perderam o sentimento de sociabilidade, para n'uma vida livre, adquirir maior resistência, sobriedade e rusticidade, qualidades de apanhio das raças de sua formação.

Bandos errantes se organizaram, alimentados de vez em quando pela inclusão de animais vindos do Velho Mundo com aventureiros.

E cada grupo foi sofrendo as modificações em relação ao meio que ia habitando, de tal forma que 4 séculos e alguns anos deram a formação de 2 tipos semelhantes nos fundamentos étnicos, mas afastados morfológicamente pelas diferenças de meio, do território.

O meio, na incuria selectiva do homem, fez com que a raça principalmente ao Norte, perdesse uma série de qualidades, entre as quais convém destacar a beleza e certa corpulência, como nos noticia Fernão Cardim, referindo-se

I^a REGIÃO MILITAR E
Mappa estatístico das idades e alturas

IDADES

Corpos	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
1º R. I.	—	—	4	2	—	3	2	2	4	1	1	1	1	—	—	—	—	—	—	—	
2º R. I.	—	—	—	2	3	2	2	2	5	—	1	—	—	1	2	1	1	—	—	—	
3º R. I.	—	—	—	2	2	4	6	2	2	3	4	4	1	—	—	—	—	—	—	—	
1º B. C.	—	—	—	—	5	2	3	1	1	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1	
2º B. C.	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
3º B. C.	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	2	2	2	1	—	1	—	—	—	
1º R. C. D.	2	7	44	69	95	97	94	79	52	30	23	5	8	7	4	—	—	2	—	—	
15º R. C. I.	—	—	7	26	61	55	12	19	37	12	12	8	4	5	5	3	2	2	—	—	
1º B. E.	21	27	24	22	17	5	8	3	5	—	1	—	—	1	1	1	—	—	—	—	
1º R. A. M.	16	19	34	48	56	43	26	19	13	13	12	5	12	7	5	3	3	4	2	—	
2º R. A. M.	4	45	109	72	88	72	23	2	2	1	1	—	—	—	—	—	—	1	—	—	
1º G. A. Mth.	—	—	3	11	13	5	5	—	—	—	—	2	1	1	1	—	1	4	—	—	
5º G. A. Mth.	1	1	5	11	6	3	4	6	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
1º G. A. P.	2	—	3	7	9	20	20	17	4	9	7	—	4	9	6	10	16	7	16	—	

I^a DIVISÃO DE INFANTARIA

dos cavalos dos corpos de tropas da Região.

dos cavalos da Bahia, que diz serem bellos typos, corpulentos e altos.

Ao Sul do país a raça se desenvolveu pouco mais, porque mereceu um pouco de atenção, embora empyricamente.

E' o nosso cavallo passado.

Comparemos o mesmo no presente e observaremos os do Norte e os do Sul.

Os do Norte — tipo reduzido em tamanho; altura de 1,35 a 1,48; crinas grossas e compridas; cauda longa, chegando ás vezes a tocar no solo e de implantação baixa em sua base; membros grossos e fortes; pêlos compridos, grosseiros e claros; cabeça curta e larga; cabeça e membros quase verticaes; olhar amortecido; lábios grossos; pescoço curto e grosso; lombo curto; cascos duríssimos e peso de 280 á 300 kilos.

Pode-se encontrar bons typos, ainda.

Os do Sul — não são de 1,55 de altura, em media, como se supõe commummente, mas de 1,48.

A titulo de ilustração, apresentamos abaixo, afim de que os leitores melhor estudem, um quadro levantado por nós, em Março de 1925, por determinação do Sr. General Menna Barreto, em que consta o recenseamento das idades e alturas dos cavallos dos Corpos da Região, todos com procedencia do Rio Grande do Sul.

Sóbrios, menos do que os do Norte, aonde os rigores cosmicos são mais intensos; resistentes; de pelame variado; perfil cephalico con-

vexo e rectilíneo; cabeça regular; obliquidade na espadua; articulações fortes; garupa ás vezes inclinada; lombo mais comprido do que curto; cascos menos duros do que os do tipo nortista e peso em media de 350 kilos.

Os conhecimentos biologicos, comprendendo os embryologicos, os physiologicos e anatomicos, são indispensaveis à apreciação da individualidade, no estudo de uma raça.

E, não vem de hoje a necessidade desses conhecimentos, sendo mesmo remota.

E Belon, em 1555, em sua «*Histoire de la nature des Oiseaux*»; Buffon, em 1753 e 1756, escrevendo... en créant les animaux l'Etre suprême n'a voulu employer qu'une idée, et la varier en même temps de toutes les manières possibles, afin que l'homme pût admirer également et la magnificence de l'exécution et la simplicité du dessin. Dans ce point de vue, non seulement l'âne et le cheval, mais même l'homme, le singe, le quadrupède, et tous les animaux, pourraient être regardés comme ne formant que la même famille»; Cuvier, em 1830, estudando a analogia entre os diferentes vertebrados e comparando órgãos, na chamada *Escola dos factos*; Herder, Goethe, Etienne Geoffroy Saint-Hilaire, na *Escola philosophica*; Vicq d'Azyr, em 1786, tirando conclusões da anatomia comparada, foram os contribuidores das bases imprescindíveis a apreciação de uma raça.

(Continua no proximo numero).

Os nossos problemas insolúveis

Há, na serie interminável de nossos problemas de organização e instrução, alguns que se apresentam verdadeiramente insolúveis.

Para uns falta-nos a vontade de enfrentá-los, para outros nem mesmo se sabe o que nos falta, tal a precisão com que elles se definem e a importancia que revelam.

Entre problemas que taes estão a equitação, a remonta e, ultimamente a aviação e o serviço geographico. São coisas essas sobre as q taes muito se tem legislado, elaborado regulamentos, nomeado comissões etc., etc., sem que até hoje se tenha conseguido vencer-lhes a inércia.

No momento actual, em que todas as preocupações se vo tam para a nossa restauração militar, re-urgem as melhores esperanças em vêr-se resolvidas velhas contendas a respeito desses problemas.

Olha-se hoje para o Ministerio da Guerra como para uma fonte encantada.

A todo o momento se espera o inicio do movimento restaurador. Confia-se que, em breve, começar-se-á a sentir os efeitos rápidos e beneficos de medidas que devem estar sendo estudados a fundo. E dentre estas devem estar as que vão quebrar o encanto dos nossos problemas insolúveis.

Esses comentários vem a propósito do serviço de remonta que, nesses ultimos tempos, já foi tratado em nossas columnas em tres bem lançados trabalhos, contando-se com o que se inicia neste numero.

Por esses estudos pode-se vér o acervo enorme de creditos, instalações, discussões technicas, etc. que nos tem custado a remonta sem que, entretanto nada se tenha conseguido de pratico, de efficiente.

E nada mais vital para um exercito que o solipede, de sella, de tracção ou de carga, principalmente para um exercito americano, sobretudo para o exercito brasileiro.

O problema da instrucção

(Analyse de alguns pontos essenciaes) (*)

Os nossos programmas de instrucção; idéas fundamentaes segundo as quaes devemos organizá-los.

Pelo 1.º Tenente Arthur Carnauba.

Procuramos mostrar — no nosso artigo precedente — que, infelizmente, a instrucção na nossa arma não era ainda ministrada de acordo com as exigencias dos actuaes regulamentos.

E' preciso que nos compenetremos que um espirito novo anima a Cavallaria e que, portanto, é indispensável que nos adaptemos a esse novo estado de cousas.

Não insistiremos sobre o assumpto, por a questão já foi por nós tratada em outro trabalho publicado nesta *Revista*, relembraremos apenas quaes as idéias essenciaes que devem servir de base á elaboração dos nossos programmas de instrucção — particularmente nos esquadões — e que podem ser resumidas da maneira seguinte:

a) E' necessário que, antes de tudo, procuremos orientar a instrucção, tendo em vista a preparação do homem para a guerra.

E' o que proclama eloquentemente o R. C. francês 1924, quando tirada dos methodos de instrucção: «L'instruction de la troupe a pour but de créer et développer chez tous les reflexes du champ de bataille».

b) A Cavallaria deve ser modernamente concebida como constituindo uma *força móvel de fogo*, d'onde surgem, as seguintes consequencias:

— necessidade de que a instrucção do cavalleiro e a do combatente a pé se desenvolvam parallelamente;

— necessidade de dar um grande desenvolvimento ao ensino do serviço *em campanha*, ao emprego das armas de fogo no combate e á equitação, considerando esses assumptos como constituindo as partes essenciaes da instrucção, como o prescreve claramente o referido R. C., quando estatue: «Le service du cavalier en campagne, l'emploi des armes à feu au combat et l'équitation en sont les parties essentielles».

(¹) Continuação do trabalho publicado nos n.os 147-148 desta Revista (Março e Abril de 1926).

Insistimos sobre a necessidade primordial de incutirmos no espirito dos nossos homens a noção capital de que a acção da Cavallaria a pé deve ser intimamente associada á manobra a cavallo, o que conseguiremos desenvolvendo simultaneamente os dois programmas de instrucção a pé e a cavallo, conforme se encontra tão bem preconizado no documento (²) que serviu de base ao nosso estudo:

«L'instruction de l'homme comme cavalier et son instruction comme combatant à pied doivent marcher de pair.

«Ces deux instructions doivent être associées étroitement dès les débuts; il faut qu'elles se penètrent et se complètent l'une l'autre.

Chacun doit savoir que le plus souvent une opération à cheval conduit à l'action à pied par le feu et qu'une reprise du mouvement à cheval suit fréquemment une action à pied».

Há um outro ponto essencial que nos deve merecer especial atenção — a necessidade da instrucção de combate e serviço em campanha figurar, desde o inicio do 1.º periodo, nos programmas de instrucção.

Infelizmente, isso, em regra, ainda não é observado entre nós; deixamos, quase sempre, o combate e o serviço do cavalleiro em campanha para as ultimas semanas do periodo de recrutas.

Ora, se 4 meses representam um lapso de tempo insufficientíssimo para darmos essa instrucção, como pretendemos ministrá-la apenas em alguns dias?

E' um velho hábito que devemos abandonar, como tantos outros, que aponharemos oportunamente.

Em uma palavra:

a) orientar a instrucção da nossa arma, tendo em vista o seu actual modo de emprego em campanha (uma Cavallaria nova exige tambem uma nova orientação da instrucção);

(²) R. C. francês, 1924.

b) dar maior incremento á instrucção de combate e ao serviço em campanha — *assumptos* que se acham, confessemos, quasi abandonados;

c) dar, como consequencia, um grande desenvolvimento á instrucção relativa ao emprego dos diversos engenhos de fogo de que a nossa arma se acha modernamente dotada, assim como á *instrucção eqüestre* que, a despeito da grande potência de fogo de que fomos accrescidos ultimamente, não perdeu ainda o seu valor, pois que *amobilidade* continua a ser a qualidade fundamental da Cavallaria.

Taes são, repetimos, as idéas essenciaes que servirão de base para a elaboração dos nossos programmas de instrucção.

UM VICIO CAPITAL; DEVEMOS ENERGICAMENTE CORRIGI-LO

Os nossos instructores não adquiriram o hábito — o bom hábito — de prepararem cuidadosamente, meticulosamente, os seus exercícios. Improvisam suas lições; confiam demasiadamente na inspiração do momento e a instrucção é dada à la *diable*, sem um programma, sem uma idéa preconcebida, sem um fim preciso, sem um objectivo, perfeitamente definido.

Devemos sempre fazer a eterna pregunta — *de que se trata?*

O instructor deve, antes de tudo, saber o *que quer*.

Ora, geralmente não o sabe, pois que não nos acostumamos á preparação indispensavel das nossas sessões de instrucção.

Dahi, o insuccesso de muitos exercícios, dos quaes em vão procuramos tirar algum ensinamento proveitoso.

E o R. C. francês corrobora ainda, plenamente, a nossa asserção:

«Toute séance d'instruction doit avoir un but précis, fixe par la progression du capitaine commandant.

Elle est préparée par une reconnaissance minutieuse du terrain et certains dispositions d'ordre matériel, etc.»

Em que consiste essa preparação?

O CAP. MADELINE⁽³⁾ — mais experiente do que nós — vai dar-nos os seus preciosos conselhos.

⁽³⁾ Instruction individuel du voltigeur.

«Essa preparação, diz elle, obrigatoria e minuciosamente feita, consistirá para o instructor em:

- a) rever o seu regulamento;
- b) procurar estudar o fim a attingir;
- c) reflectir sobre os pormenores a empregar;
- d) procurar, attentamente, todos os casos de applicação que o homem é chamado a executar em campanha e particularmente no combate;
- e) grupar, methodica e progressivamente, todos esses actos no ponto de vista do seu ensino;
- f) escolher (instrucção em vista do combate) os terrenos mais apropriados ao estudo das diferentes applicações e os diversos casos de applicação aos quaes se presta cada terreno;
- g) dár, a cada caso de applicação estudado, o seu caracter de verdade, de clarza e de simplicidade, sem o qual se cai na inverosimilhança e no ridículo.

Os instructores devem abster-se de toda *improvisação*.»

E é esse, justamente, o nosso mal; temos uma pronunciada tendênciia para o improviso. Devemos, pois, corrigir esse antigo vicio, — combatê-lo energicamente; do contrário, obteremos sempre resultados mediocres — perderemos horas preciosas — cansando e illudindo os nossos homens.

O EMPREGO DO TEMPO

Eis uma questão importantissima: saber aproveitar intelligentemente o precioso tempo, de que dispomos.

Em principio, não sabemos empregá-lo; impomos aos nossos homens fadigas inuteis, adoptando um regime de trabalho dispersivo.

E' assim que, não raras vezes, vemos nos nossos programmas de instrucção:

Das 12 ás 14 — manejo e uso da lança a pé.

Das 14 ás 16 — nomenclatura, etc.

Não discutiremos essa questão; limitar-nos-emos a transcrever o que imperiosa e severamente prescreve o R. C. já varias vezes citado e que — a nosso vêr — representa a ultima palavra sobre o assumpto:

«L'instruction est variée. Les pauses de theorie où l'homme ne se fatigue pas

sont alternées avec les pauses exigeant un effort violent; le cavalier à l'instruction doit fournir un travail accusé ou être au repos; il n'y a pas de situation intermédiaire».

De facto, a instrucção assim conduzida nos proporciona dois inestimáveis proveitos:

- a) o gôsto dos homens pelo trabalho, o que não acontece com as monótonas e intermináveis sessões de instrucção, que constituem um bom narcótico;
- b) o aproveitamento útil do pouco tempo disponível.

Tornar a instrucção attrahente, dar-lhe vida, animação, deve ser uma das constantes preocupações do instructor.

OUTRO VICIO; DEVEMOS TAMBÉM COMBATE-LO TENAZMENTE

O mesmo regulamento resalta a necessidade de se imprimir á instrucção um *caracter individual*.

«L'instruction du cavalier à cheval et à pied se donne d'abord individuellement. Cette instruction individuel dont l'importance est primordiale, est le procédé le plus efficace et le plus rapide».

Ainda, nesse caso, estamos muito longe da instrucção individual: — *não temos monitores*.

Surge, então, um novo problema — problema de capital importancia — o *problema dos monitores*.

E' indispensavel que formemos um nucleo de monitores nos esquadrões; é o unico meio de podermos dar uma instrucção verdadeiramente individual.

Podemos asseverar que, hoje em dia, semelhante instrucção não existe; é um grande mal — um vicio quasi inveterado — e que precisamos e devemos energicamente, persistentemente combater, atacando, para isso, de frente, a questão da preparação dos nossos auxiliares, á qual se acha intimamente ligada á formação dos nossos graduados — candidatos a sargento e a cabo — cuja instrucção deve ser levada a fundo e constituir uma das nossas mais serias e principaes cogitações.

Não podemos continuar com o regime actual, em que um pobre tenente — deante de uma escola de 20 ou 30 homens — procura em vão ensinar-lhes alguma cousa, externando-se inutilmente — fatigando-se

— afim de chegar a resultados pouco apreciáveis.

E' preciso que formemos pequenos grupos de instrucção, tendo cada um o seu monitor; só assim poderemos ter instrucção individual.

Meditemos sobre o que escreveu o CAP R. PORTALIER⁽⁴⁾:

«D'autre part, toutes les minutes de l'heure devront être employées à un travail effectif.

L'instructeur, après avoir décrit sobrement le mouvement à enseigner, invitera ses élèves à s'exercer simultanément, etc.»

Como poderemos obrigar os nossos homens a trabalhar simultaneamente, se temos apenas um instructor para um numero consideravel de instruendos?

Teremos sempre, diante dos olhos, este e taculo desolador — o instructor — cansadíssimo — na frente de uma escola de 30 recrutas:

— enquanto alguns executam os movimentos que o official lhes ensina, o resto olha indiferentemente, contando os minutos e fazendo um ingente esforço para resistir ao somno. «Et le reste à l'avenant. C'est la fossilisation sans phrases»⁽⁵⁾.

Um tal estado de cousas não pode evidentemente continuar, sob pena da instrucção ser eternamente uma chimera, um mytho.

As duras realidades da profissão não comportam, entretanto, nem mythos, nem chimeras e illusões.

Sejamos, em materia de instrucção, realistas — profundamente realistas — o que não nos impede de acalentar um ideal — um grande ideal — o de vermos a nossa arma prosperar, progredir, tornar-se verdadeiramente apta para o desempenho da sua nobre e dignificante missão.

Trabalhemos pela instrucção; formemos monitores capazes; encoragemos a instrucção dos nossos graduados; levemos a sério a instrucção dos candidatos a sargento e a cabo; constituamos, em summa, nos esquadrões, elementos de escol — verdadeiras élites — afim de que a instrucção dos nossos homens — os nossos impávidos jécas — possa tornar-se uma realidade.

(4) Le métier du capitaine.

(5) Cap. R. Portalier — obr. cit.

Precisamos de bons auxiliares, eis tudo.

Só assim teremos instrucção individual!...

Um grande esfôrço deve ser feito nos nossos regimentos para a prompta e energica solução do problema.

E', indiscutivelmente, um dos problemas capitais.

UMA QUESTÃO IMPORTANTÍSSIMA; NECESSIDADE DE UM MÉTODO VERDADEIRAMENTE RACIONAL

Os nossos instructores — assim como se despreocupam completamente da preparação indispensavel e cuidadosa das suas lições — também não têm um método de instrucção.

A instituição de um método de instrucção — verdadeiramente racional — impõe-se como necessidade inadiável.

Cada instructor tem geralmente, como unico guia, a sua propria inspiração, o que não pode conduzir a resultados apreciáveis e duradouros.

Julgamos — sem com isso querermos fazer crítica — que a E. M. devia encarregar-se seriamente dessa questão, de modo que os jovens officiaes — ao ingressarem no quartel — tivessem uma unidade de vistas a tal respeito.

Abramos, mais uma vez, o R. C. francês 1924, que, como vimos, serve de eixo ao nosso modesto estudo.

«La methode démonstrative s'impose avec l'instruction à court terme; l'instruction par les yeux est la plus rapide, celle qui soutient le plus longtemps l'attention et se grave le mieux dans la mémoire».

Eis, eloquentemente feito, o panegyrico do *método demonstrativo*.

Em que consiste elle?

Basea-se na facilidade que têm os nossos homens — principalmente os recrutas — em gravarem melhor o que vêm do que o que ouvem.

D'isso resulta que o nosso velho hábito do discurso não pode conduzir a resultados verdadeiramente compensadores.

Ora, os nossos instructores têm uma pronunciada tendencia para o discurso — o que constitue um dos nossos mais inveterados vicios e que deve ser systematicamente combatido.

Além de falarmos muito, ainda exigimos que o nosso pobre homem fale demais — empregando termos que não

conhece — fazendo interminaveis descrições, ao envés de lhe ensinarmos, antes de tudo, a *agir*.

De facto, a nossa supremia preocupação deve ser o adestramento dos nossos soldados para a acção.

«Le Soldat — diz o CAP. ROUSSEAU⁽⁶⁾ — devant agir plutôt que savoir répondre, ce serait perdre du temps que lui bouscuer la tête des formules propres seulement à troubler son esprit».

Vemos, assim, que estamos também muito longe do método demonstrativo; esse método — que conduz a excellentes resultados — ainda não entrou nos nossos hábitos.

São ainda do CAP. ROUSSEAU as seguintes palavras:

«Não estamos ainda sufficientemente familiarizados com este ensino «par les yeux», o qual, judiciosamente applicado a todas as partes da instrucção do soldado e traduzindo-se, finalmente, por uma ação — pode ser muito fecundo».

O CAP. R. PORTALIER⁽⁷⁾ — escrevendo a respeito das qualidades dos monires — assim se exprime:

«Ils parleront peu, agiront beaucoup et feront agir leurs hommes. Avec des gens inhabiles, peu familiarisés avec les termes de métier, les discours sont vains; c'est qu'il faut, c'est l'action. C'est la répétition à satiété que determine le plus rapidement l'exécution aisément et correcte».

Devemos, pois, dar á nossa instrucção um *caráter demonstrativo*, o que consistirá em:

a) procurar materializar o ensino, de modo a tornar as sessões animadas e despertar a imaginação dos homens para que comprehendam e retenham melhor as cousas abstractas⁽⁸⁾;

b) para isso, fazer, primeiro, uma demonstração, utilizando graduados e savalheiros antigos;

c) exigir, em seguida, que os recrutas executem o que acabaram de ver;

d) mostrar os resultados dos erros commettidos — não mediante simples palavras — mas, de preferencia, figurando incidentes que façam aparecer aos olhos de recruta a falta commettida (en faisant apparaitre par des faits matériels les re-

⁽⁶⁾ Le soldat et la section au service en campagne.

⁽⁷⁾ Obr. cit.

⁽⁸⁾ Cap. Madeline — obr. cit.

sultats d'une erreur ou d'une faute — diz a « Instruction pratique sur le service de la cavalerie en campagne ^(*) »;

e) repetir o exercicio eté obter a perfeição.

Esse methodo põe bem em evidencia a necessidade imperiosa de termos graduados e cavalleiros antigos perfeitamente instruidos.

O problema dos monitores assume, assim, cada vez mais, maior relêvo. Aconselhamos a proveitosa leitura do bello livro do CAP. ROUSSEAU — em que o assumpto é estudado a fundo — e que, apesar de antigo, merece figurar, em lugar de destaque, na bibliotheca do official de tropa.

CONCLUSÃO.

espirito de critica não anima as paginas que despretenciosamente escrevemos.

Não pretendemos doutrinar a respeito de um assumpto tão delicado e que apresenta tantas subtilezas.

Salientamos apenas alguns aspectos assenciaes da questão — e que se acham ainda insuficientemente apreciados — pretendendo, com isso, concorrer, embora com o nosso modesto esforço, para que a instrucção da nossa arma seja orientada de conformidade com as exigencias actuaes, tomando para base do nosso estudo — não só as nossas observações pessoas — como as informações de camaradas que participaram, como nós, dos arduos trabalhos da vida arregimentada.

Desejando para a arma que abracamos um futuro digno do seu brilhante passado e das suas incomparaveis e gloriosas tradições, — não hesitamos em apontar, desassombradamente, certas falhas, em encarar certos pontos essenciaes — analysando-os friamente — na plena convicção de sermos vivamente aplaudidos pelos nossos camaradas de arma que, como nós, sentem quaes são os nossos pontos vulneraveis.

A crise por que atravessa a instrucção na cavallaria é, aliás, naturalissima; não podíamos passar dos velhos moldes para os moldes actuaes, — sem sofrermos certas hesitações e experimentarmos um certo abalo. Entretanto, é necessário

^(*) E' sempre a mesma necessidade de tudo materializar; o homem retém melhor o que vê do que o que ouve.

como para todas as cousas da vida — que tenhamos uma vontade firme, tenaz, persistente, esclarecida e, sobretudo, um grande ardor profissional — um profundo amor á arma — para que possamos dar uma bôa e racional solução ao magno problema da instrucção — que deve, no momento actual, ser uma das nossas mais serias preocupações e ao qual devemos consagrar o melhor dos nossos esforços e dedicar todas as nossas energias.

O assumpto deve ser estudado com carinho nos nossos regimentos, onde os novos methodos e processos de instrucção podem ser divulgados, por exemplo, mediante um sistema de conferencias, feitas por officiaes, particularmente, e que tenham verdadeiro gôsto pelas cousas da instrucção.

Tra' se de um assumpto novo que seria, a... systematicamente diffundido, podendo mesmo constituir uma das partes da instrucção dos jovens tenentes, aos quaes seriam transmittidos os conselhos e a experienzia dos camaradas mais antigos.

O Cap. tambem pode — e eis um outro meio — reunir, no Esq., os seus subalternos e, com elles, estudar a questão em todas as suas minucias, pondo-os ao par dos methodos e processos modernamente preconizados e estabelecendo, a respeito, uma perfeita unidade de vistos no seu Esquadrão.

Em qualquer das hypotheses, chegariamos a excellentes resultados. Haveria, por essa forma, uma orientação segura, com a qual lucraria extraordinariamente a instrucção dos nossos regimentos.

Fazer com que os nossos instructores tenham uma directriz, um programma nitidamente definido — tal é o problema fundamental.

A sua solução é, essencialmente, obra dos chefes:

- do Cel. — no escalão R.;
- dos Caps. — no escalão Esq.

Mas é, antes de tudo, um trabalho de collaboração, em que á energia, á tenacidade e ao esclarecido espirito dos chefes devem alliar-se a bôa vontade, o amor ao trabalho e ao estudo, a fé e o entusiasmo dos subordinados, particularmente dos mais moços, que não têm o direito de invocar o scepticismo, a descrença como pretexto ridiculo da sua falta de amor profissional.

O espirito de nossa reforma militar

O espirito da reforma que se anuncia, e quiçá se começa a emprehender, deve revestir um duplo aspecto: — necessidade de dar a todas as medidas um carácter definitivo e, para isso, visar exclusivamente a utilização para a guerra; — necessidade de realizar no menor prazo um *máximo* de força para a segurança nacional, portanto estudar o ambiente internacional e visar as mais perigosas e proximas hypotheses de guerra.

Daí surge para o Brasil, no momento actual, a necessidade de uma imprescindivel realização preambular: restabelecer sua ordem material, administrativa, politica, economica e financeira. E' necessário e urgente, porque sem isso não ha força militar, potencia militar.

De outro lado, o momento internacional a nós favoravel está passando rapidamente e nossas desavenças internas, enfraquecendo-nos, fazem surgir em vizinhos nossos idéas menos convenientes ao Continente e a cada um de per si.

Assim sendo, todas as razões que impeçam a realização da paz e da ordem, ou mesmo as retardem, devem ser, por amor á Patria, banidas, sejam quaes forem os sacrificios pessoais, de idéas e de sentimentos a realizar, nenhuma razão ou princípio podendo aqui tomar primazia.

Essa ordem de idéias prende-se á ordem de idéias de artigo em o nosso numero de Outubro ultimo, que se apoiava pelo menos em sentimentos espontaneos e latentes no Continente, e cujos assertos novos factos internacionaes vêm confirmar recentemente, neste momento mesmo.

A necessidade de uma força sul-americana capaz de pôr em cheque ou, pelo menos, tirar o appetite ás chamadas grandes potencias, faz-se sentir por toda parte. Ha manifestações recentes nos grandes diarios do Rio, Buenos Aires, Bolivia, etc.

Justifica-se, portanto, o chamado armamentismo argentino, se visar estes legítimos objectivos.

Mas, para não ser elle mesmo perigoso é preciso, que imitando a energica nação do Prata, todas as nações sul-americanas, procurem realizar, e realizem rapidamente, seu *máximo* de força. Entre elles tem o Brasil o mais ale vantado dever, a maior necessidade e os mais honestos interesses.

Sendo esse *máximo* de força naturalmente relativo á capacidade militar de cada país, convém, para lhe assegurar o maior valor n'uma acção comum, formar desde já os *planos de conjunto*, sobre tudo ao que se refere ao desenvolvimento das vias de communicação.

As circunstancias historicas são de tal modo claras e precisas que as realizações vão sendo feitas embora guiadas e retardadas por pensamentos menos justos e rivalidades mal cabidas.

Com esta conducta intelligente, foge-se á ridicula política armamentista que produziria antes nossa ruína, que nosso progresso.

O espirito de nossa reforma militar não deve perder de vista estes pontos essenciais e que o Brasil é a maior nação, a mais populosa, a mais pobre de facto podendo ser a mais rica, e a mais fraca relativamente á sua capacidade de ser forte podendo, no entanto, quasi ocupar só um prato da balança continental em equilibrio ás outras nações do continente...

A reforma deve levar o concurso de todos, sejam quaes forem suas posições relativas e, como estímulo, todos devem meditar o que se está passando agora na America Central e no México, onde o espirito imperialista do governo americano aniquila os ideaes humanos dos Wilson; e o que está passando no Prata, onde uma hypothese de guerra é nitidamente encarada e preparada sem rebuços.

Parecem razões bastante energicas para que os brasileiros saibam encarar as verdadeiras necessidades da Patria.

O direito e a força; as forças moraes

«A força não sobrepuja o direito, mas o direito não se demonstra senão pela força.

O direito sem a força é comparável aos painéis de fortalezas dos scenarios de um palco. Incapazes de resistir ao menor choque, só conservam sua apparence de solidez se não lhe tocamos.

Uma força qualquer não pode ser annullada, evidentemente, senão por uma outra que lhe seja pelo menos igual. Affirmar que o direito domina a força seria absurdo se não ficassem subentendidos as energias superiores ás forças materiaes que o aquelle suscita para vencer estas.

Pode-se maldizer a força e negar o seu triunfo sobre o direito, mas, na politica nada a substitue. Algumas semanas antes da victoria de Kemal, o primeiro ministro inglés não se comprazia receber seu enviado. No dia seguinte á victoria de Kemal, este ministro, no mesmo pé de igualdade, com a Turquia tão desprezivel na vespera, cedendo-lhe províncias onde havia tremulado o pavilhão britanico.

O direito e a força adquirem grande poder quando associados. A força, por si só, não produz exito duravel. Os alemães que o digam».

**

«Não ha exemplo de povos que hajam chegado á civilização sem disciplina, sem respeito ás leis e sem moral.

Um povo só sai da barbaria pela aquisição de uma moral estavel. Desde que a perde, volta á barbaria.

A guerra demonstrou mais uma vez que o poder de uma nação reside muito mais em sua força moral que em sua cultura intellectual.

A luta mundial foi talvez a primeira em o exito final dependeu tanto da resistencia dos soldados como da capacidade dos generaes. Luddendorf, em suas *Memorias*, reconhece que a guerra lhe pareceu perdida desde que sentiu alquebrado o moral de seu exercito.

A característica das naturezas primitivas é ceder facilmente ás proprias impulsões. E' indispensavel longa educação ancestral para tornar o cerebro capaz de dominar os impulsos dos sentidos e adquirir assim o *self-control* que os ingleses consideram como das mais importantes qualidades do caracter.

O homem verdadeiramente moral não tem necessidade de discutir sua moral antes de actuar. Moral debatida acaba geralmente, sem força.

Os canhões de tornam inuteis quando não sustentados pela força moral dos combatentes. Qualquer povo que tenha perdido sua contensivel moral está quase de todo perdido».

(Le Bon)

“SUGGESTÕES”

O PROBLEMA DOS QUADROS INFERIORES

Agita-se a opinião militar em torno da remodelação definitiva de nosso Exercito.

Entre todas as questões prende naturalmente mais as atenções, por sua importância soberana, a relativa à formação e renovação dos quadros.

As cogitações, porém, absorvem-se facilmente em torno da chamada «lei de promoções» que interessa especialmente aos *quadros superiores*, isto é, de officiaes.

Não resta duvida que é absolutamente ponderante esse aspecto da questão, mas é possivel, logico e natural tratar-se concomitantemente de outras questões.

Excellent quadra de officiaes sem magnificos quadros de sargentos e cabos, estaria, no Exercito, fadado a só obter resultados incompletos, porque ou os officiaes tomariam a si funções que cabem normalmente a sargentos, ou abandonariam á situação de serventuarios imperfeitos.

No primeiro caso, descuidariam fatalmente de seus proprios misteres e o *quadro de officiaes* deixaria assim de ser excellente; no segundo caso a tropa ressentir-se-ia da imperfeição dos quadros inferiores entendendo-se aos proprios officiaes, no ponto de vista de sua cultura profissional, os malefícios daí resultantes.

Deve-se, portanto, parallelamente com as reformas dos *quadros de officiaes* cogitar dos *quadros de sargentos e cabos*.

E' um problema facil, embora de apariencia difícil.

Mas de que se trata, afinal?

Trata-se em primeiro lugar de obter um pessoal possuindo as qualidades *physicas, moraes e intellectuaes* para o desempenho das importantes missões que na paz e sobretudo na guerra, devem ser desempenhadas pelos sargentos, funções estas que exigem um certo apuro dessas qualidades. Trata-se, depois, de poder renovar periodicamente estes *quadros* (sargentos e cabos) para satisfação das ne-

cessidades das *reservas* nestes postos e nos de officiaes tambem.

Assim posta a questão, e considerando-se que a formação de um *bom sargento* necessita alguns annos de labuta na tropa, é claro que os homens possuindo as *bôas qualidades*, nas condições actuaes, só accidentalmente ocorrerão a ella.

Esses, como toda gente, têm aspirações de conforto a realizar na vida e *taes qualidades* não lhes é difficult arranjar na vida civil posições relativamente compensadoras. Alguns serão mesmo levados a recalcar pendores e tendencias naturaes.

P: obter uma melhor afluencia de melhores elementos, é indispensavel oferecer compensações sérias e garantidas aos que emprehenderem passar parte de sua vida como *cabos ou sargentos*. E' preciso que as condições materiaes dos *sargentos e cabos* antes seduzam que afastem as *vocações*.

Hoje tem o quadro de sargentos uma saída natural para certos quadros anexos (contadores, veterinarios etc.) mas não basta e não é medida que interesse o grande numero. E' necessário abrir novas portas de saída e estimular melhor o grande numero de *sargentos e cabos* de que precisamos.

E' preciso tornar lei insophismavel, clara e bem regulada da Republica a obrigaçao de serem dados certos cargos civis aos *ex-sargentos e ex-cabos*. E' preciso uma *lei geral* e não uma simples recomendação vaga em regulamentos que não são obligatorios em toda parte, determinando, por exemplo que certos cargos publicos sejam preenchidos por sargentos com 10 annos de praça e 5 de função, independente de *concurso*, uma vez que os sargentos têm normalmente habilitações superiores á maioria das exigidas para esses cargos.

Notadamente nos *correios, telegraphos, vias ferreas, saude publica, policia, ministerio da agricultura etc.*, os sargentos do Exercito são particularmente aptos ao desempenho de numerosos empregos, em grande parte de especialidades que possuem (radio telegraphistas, telegraphis-

tas, ferradores etc.) como os da marinha para certos empregos nos portos, companhias de navegação, etc.

Essa lei não deve se limitar a indicar vagamente a preferencia dos sargentos para esses empregos, deve impor, criar para elles um direito que quebre as pernas ao *pistolão* e aos manejos da politica eleitoral.

Como realizar isso, praticamente?

A lei designaria os cargos a serem preenchidos em cada ministerio e o modo de aproveitamento dos sargentos nesses cargos. Nenhuma nomeação para elles poderia ser feita de elementos estranhos a não ser que não houvesse inscripção de sargentos ou cabos. Estes, realizadas as condições de tempo de serviço, de conducta, de instrução, etc., se declarariam mediante requerimento, candidatos a taes ou quaes empregos, sendo nomeados a proporção das vagas que se fossem dando e só então tendo baixa do Exercito. Os que não se fizessem candidatos a qualquer cargo teriam baixa automatica, terminado o tempo que se obrigaram servir.

Este processo não será uma originalidade nossa, porque varios países já o adoptaram inclusive a Alemanha. Elle asseguraria imediatamente uma importancia maior ao quadro de sargentos e faria, sem duvida, affluir ao Exercito um pessoal melhor, mais numeroso.

Uma lei assim concebida é um complemento necessário a uma nova lei de promoções.

Mas é apenas uma parte da questão dos *quadros inferiores*: — *um meio de obter matéria prima*. Não formaria por si só sargentos.

A boa formação de bons sargentos como é já uma excellente demonstração a E. S. I. e como é um excellente ensaio o curso de sargentos da E. P. C.

E' preciso, pois, aproveitarem-se essas experiencias, não as perder e lhes dar um caracter normal e definitivo, completo.

Para a infantaria o caso está a bem dizer resolvido, mas restam ainda as outras armas.

Para a cavallaria, é só aproveitar o ensaio actual e completá-lo o que é facil desde que se dê a E. P. C. uma orga-

nização definitiva e se crie ahí o *curso para formação de sargentos*, como os de ferraria, veterinaria, etc.

Quanto á artilharia e engenharia ou se fazem escolas especiaes, o que seria o ideal, ou se aproveitam as existentes inclusive a E. A. O., annexando-lhes os elementos necessarios.

E' assim que se poderá ir remodelando o Exercito, visando a guerra.

X.

**

LINGUAGEM TECHNICA MILITAR

Uma das mais accentuadas características da nacionalidade é, por certo, o idioma.

Se no vasto scenario da defesa nacional representamos, nós os militares, o mais importante papel, não se comprehende como possamos descurar do que diz respeito ao cultivo da lingua materna.

E' o Exercito um factor importante na aproximação dos hábitos e costumes, dos sentimentos e da uniformidade de linguagem entre os diferentes recantos de nosso vasto país pelo facto não só da passagem sucessiva das gerações, pelas fileiras, como do contacto continuo com a maioria da população.

A uniformização de expressões na ampla esphéra da actividade militar, muito contribuirá para tornar mais estreitos os vínculos nacionaes.

Para que essa influencia se faça sentir salutarmemente, é necessário que ao invés de procurar complicar a linguagem militar, deturpando-a com estrangeirismos descabidos, trate-se de torná-la o mais simples possível, pondo-a ao alcance dos menos instruidos. Só assim ella se generalizará, deixando de ser apanágio de meia duzia de presumidos «magisters».

Infelizmente, uma balburdia sem par campeia no nosso linguajar, proveniente do descaso individual e da falta de actuação official nesse sentido.

Fácil será comprehender a influencia que a transformação do armamento e a renovação dos processos de combate, teve sobre a lingua, com o apparecimento de novos termos e resurgimento de outros já em desuso.

Por serem franceses os nossos mestres e as fontes de estudo, é de ver a invasão avassaladora dos francesismos, gallicismos, solecismos, etc... alterando radicalmente a accepção de muitas palavras e até as formas naturaes da lingua, a ponto de transformá-la em algaravia inintelligível.

O mal não reside na pobreza do idioma, como por comodismo muitos asseveram, senão no geral desinteresse por elle. A maioria de nossos camaradas contenta-se com os minguados conhecimentos que lhe forneceu o curso preparatorio; nem sequer os alimenta com a revisão periodica.

Um sincero exame introspectivo a q' cada um se sujeitar, comprovará tal-com mais exactidão, este asserto.

E nada mais lastimável, pois, é de desejar que todo cidadão, e sobretudo o militar, seja impenitente defensor do nosso patrimonio linguistico.

O lado individual da questão é facilmente sanavel, basta um pouco mais de amor á nossa lingua e... bôa vontade.

Quanto á parte geral, ao estafado e cediço argumento da falta de vocábulos apropriados a determinadas significações, não attinge ao grau de transcendência que se lhe pretende attribuir. Tresanda muito a «lei do menor esforço».

Há, por certo, alguns termos, aliás em número reduzido, para os quaes não encontramos em português um correspondente que exprima exactamente a mesma idéa, mas daí a tachar de irremediable a situação vai muita distancia.

A solução neste caso é unica — adoptá-los em definitivo. Cumpre, porém, antes examiná-los cuidadosamente, pesquisando com paciencia nosso farto vocabulário.

E' a falta de consagração de certos termos por meio dos regulamentos ou outra publicação official, que dá lugar ao lamentavel habito de dizer e escrever *barbarismos e barbaridades*, com pedantesca semcerimonia.

Já é tempo de se firmar de uma vez para sempre o verdadeiro sentido de innumerias palavras, que ora gozam das mais variadas significações e determinar

os vocabulos que devem corresponder a outros estrangeiros ou a dadas idéas.

Em vista da pouca influencia exercida entre nós pela Academia de Letras cujas decisões não possuem força sufficiente para serem respeitadas, resta-nos o recurso de constituirmos oficialmente uma *Comissão Especial* destinada á resolução desse problema.

Para isso seriam escolhidos um official de cada arma e serviço, particularmente condecorados desse assumpto, e um civil de reconhecida competencia philologica. A Comissão assim formada estudaria e organizaria a technologia para os diferentes ramos da actividade militar, e os resultados seriam adoptados oficialmente pelo Ministerio da Guerra e tornados exigitorios neste Departamento.

Eis a nossa suggestão!

M. S.

**

A MATRICULA NAS ESCOLAS PARA OFFICIAES

Fazendo-se uma apreciação retrospectiva para os resultados dos trabáhos de M. M. F. verifica-se que os mesmos não attingiram talvez 50% dos que se poderiam apurar, considerando-se a qualidade dos mestres, as aptidões dos nossos officiaes e o desejo de todos para atingir o mesmo fim.

Certamente isso responde a fatalidades que não pudemos sequer neutralizar. Não é nosso intuito recapitular aqui toda a serie de causas e effeitos que se registam em torno de tão grave assumpto.

- Todavia pensamos que havia um meio muito bom e sobretudo muito opportuno para sanar grande parte dos males provindos do pequeno proveito que se tem tirado da M. M. F. Bastaria considerar os seis annos já passados como um periodo de adaptação e iniciar nova phase de actividade, a partir da retomada do contrato, o que terá de ser feito no corrente anno.

Planos para aumentar o rendimento da M. M. F. não faltam. Seria quasi inutil repetir aqui as linhas geraes em

que todos se fundam (interferencia no E. M. E., nos Q. G. divisionarios etc.).

A nossa intenção resume-se apenas em chamar a attenção para um dos seus aspectos mais importantes que é a obrigatoriedade de matricula nas Escolas regidas pela M. M. F.

Já é grande o numero de officiaes passados pelas Escolas mas, á falta de um plano de matricula, grande é tambem a desordem conseguida. O aperfeiçoamento

da capacidade dos quadros se tem produzido anarchicamente, sem centros de polarização.

A base para um plano de matricula é, não ha duvidas, a obrigatoriedade. Não se matricula quem quer, nem mesmo quem pode, mas quem deve ser matriculado — esse deverá ser o principio, essa é a nossa suggestão.

X. Y.

Exames nos Tiros de Guerra e Estabelecimentos de Ensino

De acordo com o Capitulo XI do R. D. T. G., realizam-se, uma vez por anno, nas sociedades de tiro e estabelecimentos de ensino secundario e superior, exames dos candidatos a reservistas, cabos e sargentos de 2.^a cathegoria.

Alem de afastar das lides do quartel um numero consideravel de officiaes que constituem as multiplas bancas examinadoras, torna-se difficult, senão impossivel, fazer-se justiça na classificação dos atiradores, mediante umas breves preguntas de exame. Casos ha em que os mais dedicados atiradores são considerados na classe dos soffríveis, enquanto que os retardatarios o são com a nota bom, e, até mesmo, muito bom, favorecidos, naturalmente, senão pela sorte, tambem pelo desembarço com que entram em exame.

Em vista disso apresentamos a seguinte suggestão:

- os exames serão abolidos em todos os tiros ou estabelecimentos de ensino secundario e superior onde se possa exercer uma fiscalização permanente da instrucção, instituindo-se a promoção dos reservistas em um prazo de 6 meses, deixando-se os quatro meses restantes, do periodo, para a instrucção dos retardatarios;
- a fiscalização será exercida, permanentemente, nas diversas regiões militares pelos respectivos Inspectores, e no Districto Federal, pela Directoria Geral do Tiro de Guerra.

1.^º Ten. Pedro da Costa Leite.

AOS REPRESENTANTES

Pedimos encarecidamente aos nossos representantes o obsequio de nos comunicar a transferencia dos assinantes, designando o novo local onde vão servir e bem assim devolver-nos os exemplares que para elles tivermos enviado, correndo por nossa conta as despesas postaes.

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa administração prescrevemos o seguinte:

- Tudo que se refira á collaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao Redactor-Secretario;
- Qualquer assumpto sobre assinaturas, expedição e envio de importancias deve tra-

tar-se com a Redactor-Gerente (se a remessa de valores fôr feita em vale postal — ao thezoureiro);

- As questões referentes a annuncios devem ser tratadas com o Representante commercial (endereço Cândido Viegas — Caixa Postal 1206);
- Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazê-lo ao Redactor-Chefe.

PAGAMENTO PONTUAL E ADEANTADO

Para nos ser possivel restabelecer a pontualidade na distribuição de «A Defesa Nacional» torna-se estritamente necessário que nossos prezados assinantes PAGUEM PONTUAL E ADIANTADAMENTE as suas assinaturas semestraes.

O cinema no exercito (1)

(Trad. pelo 1.º Ten. *Alcindo Pereira*)

Duma parte a estreiteza do tempo do serviço militar e doutra a complexidade da instrução, cujas dificuldades crescem constantemente, exigem o emprego de métodos simples e práticos, que permitam instruir a tropa no mínimo de tempo. Isso conduz á procura de processos que tornem o ensino simultâneamente fácil e intensivo.

Sob este duplo ponto de vista é o cinematógrafo um precioso auxiliar, capaz de prestar incontestáveis serviços.

Com efeito, permite dar vida e tornar compreensíveis explicações que na forma habitual de ensino parecem áridas e muitas vezes ininteligíveis.

A exposição verbal não fala ao espírito como o ensino pela imagem, e a memória visual é em geral a que melhor fixa as impressões.

Gracias a processos que lhe são próprios, ite mostrar claramente o funcionamento de mecanismos complicados, encobertos ou minúsculos. Empregado lentamente para a análise de movimentos rápidos, impossível pelo exame directo, permite destacar fases ou gestos para estudá-los com vagar. Inversamente, pode acelerar movimentos cuja lentidão impede a observação directa.

Melhor do que uma descrição, embora ilustrada por esboços, apresenta um objecto sob todas as faces, determina as partes vistas e as ocultas, trunca-o e novamente o emenda, em uma palavra, mostra-o no espaço.

O ensino pela imagem supre a qualidade e o número dos instrutores, evita as deformações de imaginação e as falsas comparações. Ultra-passa o círculo restrito das turmas de instrução, atingindo maior número; concentra em assunto bem delimitado a atenção de todos, dificilmente desviada pelo facto de haver um único ponto iluminado.

Animador por excelência, instrui sem fadiga, de modo atraente e durável, até aos menos dispostos ao esforço ou não preparados para tal.

Facilita ao mesmo tempo a instrução militar do soldado e contribui para a educação moral. As conferências com projeções luminosas realizadas para combater a tuberculose, o alcoolismo e as doenças venéreas têm produzido salutares efeitos.

A difusão de fitas escolhidas é suscetível de aumentar eficazmente o valor do homem sob os pontos de vista patriótico e social.

Bons exemplos revividos ou scenas bem montadas, produzem no espírito do soldado impressões mais duráveis do que as melhores conferências.

Está destinado a representar um papel essencial no aperfeiçoamento da educação física e dos desportos em geral. As demonstrações já feitas tem exercido notável e feliz influência na mocidade.

Emfim, é suscetível de proporcionar novo auxílio ao historiador militar, ilustrando-lhe as conferências.

Até á presente data, a narrativa militar tem disposto apenas do esboço fixo, para a representação das situações estudadas; embora tenha sido seu emprego multiplicado a ponto de repre-

sentar todas as fases importantes duma acção, elle só imperfeitamente dá a noção do movimento contínuo e das velocidades relativas de intervenção de diferentes elementos.

Praticamente fornece apenas a configuração das frentes de engajamento e circunvizinhanças, isto é, tão sómente o lado estático das operações militares.

Ora, a arte militar é toda movimento. É pelo jogo de reservas que se manifesta a acção do chefe. O bom êxito depende essencialmente da entrada mais ou menos rápida e ordenada no campo de batalha, na zona profunda que se estende atrás da frente de engajamento.

A mobilidade das diferentes armas e os diversos modos de locomoção de que podem dispôr, influem cada vez mais na decisão do chefe.

Melhor do que o esboço fixo, permite o cinema representar por meio de esquemas animados, cartas, a marcha das tropas para a batalha, progressão metódica e contínua do assalto, etc....

Nas frentes grandemente extensas das batalhas modernas, a fita cinematográfica apresentará o desenrolar das operações no tempo e no espaço, nas verdadeiras proporções, indicando os avanços e recuos por simples oscilações da linha da frente, e, pelo afluxo de reservas, a convergência de esforços no campo da luta.

Não poderá, sem dúvida, o olho seguir na tela tão bem como no esboço fixo, os pormenores de certas formações, nem se deter na procura de um ponto particular.

Convém observar que, embora a montagem de uma fita cinematográfica faculte desenrolá-la com a lentidão desejável, respeitado o sincronismo dos movimentos, ela será para o historiador apenas um novo auxílio. Não dispensará estudo ulterior, aprofundado e minucioso, porém, facilitará a compreensão duma campanha ou duma batalha e constituirá um processo prático de vulgarização.

Todos os acontecimentos importantes dum combate, encadeando-se no quadro geral, o movimento conservando sua verdadeira importância, pode a história militar ser estudada pelo lado dinâmico das operações.

Em resumo, são tais os progressos da técnica cinematográfica, que suas aplicações devem ser multiplicadas e tender mais e mais para fins práticos.

As fitas de instrução merecem ser empregadas em larga escala, sempre crescente, ao lado das documentárias e recreativas que foram as precursoras, e das de propaganda, cujos resultados têm sido notáveis.

Onde quer que se ensine, ocupa o cinema lugar de relevância e no exército mais do que em outra parte impõe-se uma instrução intensiva, dada de modo contínuo e permanente. Deve-se, pois, generalizar-lhe o emprego sob as mais variadas formas.

Certamente não se surpreenderá o instrutor com a novidade do processo. Não está o exército evolvendo continuamente?

O aperfeiçoamento do armamento e adopção de novos materiais obriga a incessantes modi-

ficações nos processos de combate. O cinema proporcionará hoje os mais modernos processos de instrução. É dever de cada um aproveitar ao máximo o que ele pode dar.

A FITA DE INSTRUÇÃO

O ensino pela imagem é ainda muito pouco praticado e tido por muita gente como simples distrações sem utilidade prática. Confundem a fita de instrução com a recreativa; cada uma tem função, gênero e técnica própria.

Não se obtém obra educativa com dado assunto, por mais bem montado que seja, desenrolando simplesmente uma série de vistas animadas e interessantes.

A fita de ensino exige uma dupla colaboração do instrutor e do encenador. O primeiro conhece o assunto a ilustrar, as idéias a pôr em evidência, os pontos sobre os quais convém insistir. Compete-lhe a parte pedagógica: ordenar, decompor e graduar para melhor ensinar.

O encenador concorre com os conhecimentos de sua profissão; escolhe e quadra, determina a iluminação, fixa as atitudes e a harmonia dos conjuntos, utiliza os artifícios da arte e procura a melhor execução fotográfica.

Um oficial não se improvisa encenador, nem um encenador civil assimilará de uma vez os assuntos militares a tratar, mas, um complementando o outro, farão obra útil.

Deve a fita educativa ser tão bem montada quanto as recreativas que o soldado está acostumado a ver nos cinemas públicos. Pode ser montada com arte sem nada sacrificar da verdade e sem desrespeito à seriedade da educação militar.

A confecção de uma fita militar exige antes uma redação minuciosa do tema cujo assunto é escolhido pelo comando. O oficial instrutor indica o modo de realizar o espetáculo e faz salientar os ensinamentos a tirar. Com o concurso do encenador redige o cenário que é a tradução do tema em linguagem cinematográfica, e o plano de concatenação para o desfilar das imagens.

As cenas de dia ao ar livre ou em gabinete, os desenhos animados, os títulos, o jogo pormenorizado dos actores, são enumerados em uma série única e de comprimentos prefixados.

Estabelecido o cenário, tomam-se as vistas em colaboração com o operador. É tarefa difícil, que só a prática de anos levará a termo satisfatório; os operadores tirados dentre os conscritos não são mais que principiantes sem grande experiência.

As vistas obtidas fornecem uma série de faixas parciais correspondentes aos números do cenário; dá-se-lhes desenvolvimento e tira-se o primeiro positivo.

Resta montar a fita. Esta operação muito delicada, conduz por vezes a manipulações importantes, a inversões, a abreviações, a repetições e algumas vezes a novas tomadas de vistas. São essas modificações feitas com retoques sucessivos, às vezes por tentativas, conforme o efeito produzido na tela.

O primeiro positivo assim preparado é concluído *ne varietur*; ajustam-se-lhe exactamente as películas negativas que reunidas de modo definitivo permitem obter o número desejado de cópias.

Para que uma boa fita se adapte a um programa de ensino, deve desenvolver matéria limitada, pôr em evidência pequeno número de ideias e não ser fastidiosa. Explicações claras e concisas, pois são muito fatigantes os textos longos.

Os desenhos animados explicam as cenas pouco distintas e permitem insistir em ideias importantes.

A apresentação — Os apparelhos em uso no exército permitem paradas em pontos que devem ser comentados, mas este modo de projecção diminui a luminosidade, a ação representada perde a vida e o movimento, e consequentemente a atração. Além disso, o abuso das interrupções arrisca dividir a instrução e suprimir toda a vista de conjunto. É preferível tomar fotograficamente os quadros sobre os quais se pretende parar e apresentá-los fixos, antes ou depois das vistas animadas.

O instrutor encarregado de organizar uma fita, deve de antemão estudá-la convenientemente. Para cada um deles um resumo especial, breve, precisa-lhe os pontos importantes, sublinha as intenções do autor e o informa da melhor maneira de combinar as explicações verbais, com a apresentação das imagens.

Ele revê os artigos do regulamento tratados e nele se inspira para preparar um comentário adaptado ao auditório. Antes da apresentação, põe-se de acordo com o operador de projecção sobre a velocidade de desenrolamento, os sinais de parada e de prosseguimento.

Para os desenhos animados que precisam ser longamente explicados, o operador previamente informado diminuirá a velocidade de projecção, retomando a normal para as vistas seguintes.

Bem entendido, o cinema é apenas um auxiliar nas mãos do instrutor. Em caso algum deve tolher-lhe a iniciativa; ao contrário, não deve ele limitar-se ao papel de recitador, mas tirar da lição projectada todos os ensinamentos que compõem.

Conclusão — Sem prejulgos os resultados que dará a generalização do ensino pela imagem, pode-se afirmar que ele é tanto mais justificável, quanto mais reduzido for o tempo de serviço militar, sendo seu emprego de natureza a proporcionar importantes economias de tempo.

A maior parte dos exércitos europeus o utilizam. A Inglaterra, a Bélgica e a Suécia montaram numerosas fitas de instrução militar e, já antes da guerra a Alemanha dispunha de um serviço cinematográfico de propaganda, do qual soube tirar o maior proveito.

Na França, o Departamento de Guerra não é o único que despende esforços nesse sentido. Existem fitas de vulgarização científica cujos bons resultados são incontestáveis.

A Instrução Pública generalizou seu emprego em todas as escolas e o Ministério de Agricultura procede à sua difusão nos estabelecimentos de ensino agrícola e comunas rurais.

Em nossa organização, que deve estar sempre à altura das circunstâncias, o emprego do cinema como meio auxiliar moderno para a instrução dos quadros e da tropa, tem evidentemente um notável lugar.

(1) O. Simplificada.

Tactica na carta

Essa é uma nova secção que *A Defesa Nacional* inaugurará no proximo numero de Março.

O objectivo em vista é fornecer aos nossos prezados camaradas, que nos distinguem com a sua leitura, um cabedal de *casos concretos* vividos ou não, sempre que necessário comentados, e que apresentem o *alto grau de utilidade* em relação aos trabalhos tacticos que se desenvolvem na E. A. O. e na E. E. M.

Em nosso meio militar, felizmente, já não se precisa mais encarecer a importancia do «methodo do caso concreto». Todos já se convenceram de que basta conhecer os *principios*, sendo absolutamente indispensavel estar-se treinado em *applicá-los* constantemente segundo as mais variadas combinações dos três elementos fundamentaes da guerra — *tempo, espaço, meios*.

Para que nossa intenção seja completamente satisfeita «Tactica na Carta» disporá de pequeno grupo de redactores especializados nos assumptos que vão ser tratados. Assim, não só a tactica geral, mas tambem a tactica das armas merecerá todas as attenções.

Quanto ás fontes a que recorreremos serão elles das mais autorizadas, valendo-nos sempre que possível de trabalhos já estudados em nossas escolas. Os commentarios aos *casos* em estudo procurarão estabelecer as relações existentes entre os assumptos, decisões, ordens etc., e os nossos textos regulamentares.

**

Por outro lado, a nova secção de que tratamos encontrará nos «Subsidios para os Quadros de Reserva» verdadeiro complemento, pois, tambem em Março,

esta secção aparecerá refundida, sob a direcção immediata do mesmo grupo de redactores que dirigirá aquella.

Entre outras melhoras que se levaram aos «Subsidios» é de notar a sua utilidade em vista do «jogo da guerra» pelo grande manancial de pormenores sobre os diversos elementos das armas e serviços que elles comportarão.

Ao passo que «Tactica na Carta» será excellente contribuição para *desenvolver o sentimento exacto do emprêgo dos meios e o espírito de decisão*, os «Subsidios para os Quadros de Reserva», além dos serviços, que vêm prestando constante repositório inestimável para o *contento da composição e rendimento daquelles meios*.

*

**

Outrosim, «O Thema a premio», instituido pela «A Defesa Nacional» em 1923 e restabelecido no anno findo após longo eclipse imposto pelas diffíceis circunstancias de então, será incorporado á «Tactica na Carta» com um dos seus melhores factores de bom êxito.

Está em estudo á proposição que nos foi feita no sentido de servir, ou melhor graduar os themes segundo a situação dos concorrentes quanto a posse dos cursos da E. A. O. e da E. E. M.

E' de todo provavel que, pelo menos a titulo de experientia, o proximo «thema a premio» appareça sob esses moldes.

E aí ficam resumidas as novidades que A Defesa Nacional reservou para os seus leitores no primeiro semestre do corrente anno. Embora não tivesse sido possível apresentá-las a partir do numero de Janeiro, nem por isso será menor a demonstração do nosso desejo de sermos cada vez mais uteis.

Conceitos de Rodó

Nossa fôrça de vontade há de ser provada aceitando o repto da Esphinge, e nunca esquivando-se á sua interrogação formidável.

Há uma profissão universal: é a do Homem.

Nossa capacidade de compreensão, só deve ter por limite a impossibilidade de compreender os espíritos estreitos.

A criatura humana á proporção que se aperfeiçoa cumpre o seu dever não como uma imposição, mas estheticamente como uma harmonia.

Em torno do S. G. M.

A visita que o Presidente da Republica fez ao Serviço Geographico Militar se encaixa na serie das visitas com que Sua Ex. vem tomando contacto com o Exercito.

Permittam os fados que esse contacto não seja apenas a expressão de uma cortesia e de uma curiosidade de homem intelligente, mas que represente tambem o desejo de conhecer o ambiente de trabalho, de patriotismo, de força latente desse Exercito que Sua Ex. não conhecia, nem suspeitava, talvez, a existencia afanosa. Para a maioria do nosso povo, o que quer dizer tambem, para a maioria de nossos homens publicos, o Exercito, as as Forças Armadas, o problema militar, é, numa expressão simplória e immedia, o soldado, o official, a disciplina. O que há de complexo nesse Organismo, de grave e irremediavel nos seus problemas, de generalização nos seus aspectos, isso pouca gente sabe. Por essa razão quando um Presidente inicia o seu governo, com gestos systematicos tendo em vista conhecer o Exercito fora das paradas e das relações officiaes de cortesia, esse Presidente está rompendo de chofre com um dos mais terríveis preconceitos com que tem luctado o Exercito. E Sua Ex. faz quase sem saber, a identificação do Exercito na sua grande missão social que é, em ultima analyse, a da sua identificação com a Nação nos seus problemas politicos, nas suas ambições, na sua historia e no seu futuro. Porque pode estar certo o Presidente hoje mais do que nunca são as Forças Armadas o índice mais expressivo das possibilidades nacionaes, porque nellas se devem enfeixar todas as forças vivas

da Nação, todos os seus caracteristicos moraes e materiaes.

A visita ao S. G. M. vem pôr em foco mais especialmente a necessidade de dar áquelle organismo um pouco mais de independencia e de generalidade. Sua Exa. pôde ver o seu valor scientifico. Resta saber, agora, se pôde perceber-lhe as lacunas. Ao S. G. M. falta, no Exercito, maior autoridade. De par com elle se eleva a Carta Geral da Republica. O primeiro representando o que há de mais perfeito e de mais homogêneo no assumpto. E' obra de alguns brasileiros intelligentes e patriotas e da sabia missão de profissionaes Austríacos. A segunda é a primeira tentativa de organização de tal serviço no Exercito. O que ella tem feito representa bastante, mas, não que mereça subsistir e quiçá absorver o S. G. M. A Carta não aceita o Serviço, refuta-lhe qualquer cooperação, qualquer contacto, qualquer orientação. Como exemplo mais tangivel disso aí estão as convenções cartographicas, adoptadas oficialmente no Exercito e no entanto não aceitas pela Carta Geral. Dar ao S. G. M. a direcção suprema dos problemas geographicos do Exercito levando a sua autoridade até a Carta Geral, integrando-a definitivamente nelle, não é só uma medida de comezinha intelligencia, mas de honesta comprehensão dos limites até onde se deverão sobrepor as susceptibilidades pessoaes aos interesses da Nação. E além disso é preparar para o Exercito a grande honra de enfeixar através do S. G. M. a direcção futura dos problemas de geographia nacionaes. Que a visita do Presidente possa permitir ao S. G. M. essas credenciaes a que pelo seu valor tem direito.

O Chefe

(Gen. Serrigny)

«O chefe deve ser, simultaneamente, bravo, confiante, organizador e energico:

bravo para servir de exemplo vivo para seus homens; *confiante* para transfundir, na alma de sua tropa, chegado que seja o momento, a chamma sagrada sem a qual esta não se bate; *organizador* para criar a

ordem, que é a base do successo por isso que a desordem é o primeiro Symtoma da derrota; *energico* para saber defender suas ideias e, desde que tomada uma decisão, fazer executar suas ordens custe o que custar.

Acima de tudo elle deve possuir o julgamento sôlo e a imaginação criadora».

Subsídios para os quadros de reserva

(A nossa contribuição)

I — TRANSMISSÃO DE ORDENS, PARTES E RELATORIOS

(R. S. C. tit. II, cap. IV; R. E. M. TRNS)

DESTINO — As ordens, partes e relatórios devem ser transmittidas por via hierárquica de comando sem omitir nenhuma autoridade intermediária, excepto em casos de urgência.

Se devido à urgência fôr indispensável saltar por cima de um ou mais intermediários, quem ordena comunicará logo depois a circunstância à autoridade imediatamente subordinada e quem recebe a ordem informará sem perda do tempo ao seu superior directo. Do mesmo modo, quem expede uma informação diretamente a certo destinatário tem obrigação de carregar uma duplicata por via hierárquica.

Os envelopes com a nota *pessoal ou reservado* só devem ser abertos pelos destinatários.

Os portadores de ordens ou partes podem receber instruções especiais para que as comuniquem aos Estados Maiores por onde transitarem.

Nos Postos Avançados e nos destacamentos de segurança os commandantes das diferentes fracções devem tomar conhecimento de todas as informações que venham da direcção do inimigo e cujos portadores passem por elles; mas devem ter o cuidado de não retardar a transmissão e de pôr «visto» á margem do documento.

PROCESSOS DE TRANSMISSÃO — *Ordens escritas* — As ordens e partes escritas são transmittidas por:

- 1) correio normal;
- 2) agente de transmissão especial;
- 3) agente de ligação (eventualmente);
- 4) diversos processos técnicos de transmissão.

1) *Pelo correio normal* são expedidos os documentos que não apresentam carácter de urgência. As expedições são diárias, a horas fixas e, em certos casos, por itinerários determinados. Nas grandes unidades há organizado junto aos Estados Maiores um Serviço de Correio.

2) *Por agente de transmissão especial* são transmittidas as ordens e partes de carácter urgente.

As ordens importantes são sempre transmittidas por oficial. Os officiaes portadores destas ordens devem ser informados de seu conteúdo.

Se as ordens e as partes que se tem de enviar são muito importantes e os caminhos não são seguros, elas devem ser levadas por vários emissários que sigam itinerários diferentes.

O pessoal encarregado de transmittir ordens ou informações executa a sua missão a pé (mensageiros), a cavalo (estafetas), em bicicleta ou motocicleta, automóvel, avião e eventualmente em carro.

Os mensageiros podem ser empregados em todas as circunstâncias do combate, mesmo em caso de bombardeio que quasi sempre desorganiza momentaneamente o funcionamento das transmissões ópticas, telefónicas ou radio-telegáficas.

A distância que um mensageiro pode percorrer rapidamente é muito limitada e por isso é necessário, na maioria dos casos, instalar mudas. O conjunto das mudas constitue uma cadeia de mensageiros. Em geral a cadeia comprehende vários postos de dois mensageiros.

A distância entre dois postos de muda pode variar de 150 a 300 ms., conforme o estado e os acidentes do terreno e a distância que separa os dois postos extremos.

Quando o mensageiro tem a percorrer distâncias grandes pode fazer o quilometro em 12 minutos ou 3 minutos ou em tempo menor, conforme o despacho é ordinário, urgente ou comunicação urgentíssima.

Os estafetas que podem em terreno variado percorrer rapidamente uma distância de vários quilómetros, substituem com vantagem os mensageiros sempre que a organização do terreno não crie obstáculos que impeçam a circulação a cavalo ou quando o fogo inimigo também a isso se opõe. Comtudo deve-se attender que sua velocidade compensa a maior vulnerabilidade em terreno batido pelos fogos do inimigo.

Esta velocidade pode variar de 10, 13 e mais quilómetros, conforme se trate de despachos ordinários, urgentes ou comunicações urgentíssimas.

Os ciclistas podem percorrer em estradas ou pistas boas, distâncias consideráveis. Sua velocidade, variável com as dificuldades do percurso e as circunstâncias atmosféricas, oscila em media entre 10 e 15 quilómetros por hora.

As motocicletas e automóveis podem ser utilizados pelos agentes de transmissão em estradas bem desenfiadas e suficientemente afastadas do inimigo para que o ruido do motor, a visibilidade do veículo e a poeira não constituam serio perigo tanto para o agente de transmissão como para os ocupantes dos postos de comando, observatório ou estacionamento para onde se dirigem. A velocidade pode variar entre 25 e 50 quilómetros por hora.

Os veículos providos de lagarta e os carros de combate podem ser utilizados como meio de transporte dos agentes de transmissão. Sua velocidade nas estradas varia entre 20 e 30 kms. por hora.

Postos de correspondência — Quando a distância que separa o destinatário de quem expede a ordem ou parte é muito grande (exemplo: entre os órgãos da Descoberta e o Comando) é muitas vezes conveniente estabelecer uma linha de postos de correspondência para aumentar a velocidade da transmissão. A distância entre esses postos depende da extensão do trajecto, do estado dos caminhos, etc.

Se sua instalação é passageira basta colocá-los de 8 em 8 kms.; em condições ordinárias e para grandes percursos essa distância

pode ser 15 a 20 kms. para cavaleiros e de 30 a 40 para velocidades.

3) *Por official de ligação*, eventualmente, são transmittidos os documentos de carácter muito importantes.

Este official pode ter que fornecer explicações complementares. Por isso deve estar ao par da situação e conhecer minuciosamente o conteúdo da ordem ou informação que transmite. Durante a sua missão procura informar-se dos acontecimentos de que pode ser testemunha de maneira a que fique por sua vez em condições de informar seu chefe e a autoridade a que leva a ordem.

Se a situação com a qual se relacionava a ordem modificou-se durante o trajecto, o oficial não está menos obrigado a transmitti-la tal qual a recebeu, mas ajunta em seguida as explicações necessárias a respeito do fim a que se propunha o chefe no momento em que elle o deixou. Se a ordem comporta uma execução immediata, assiste ao começo dessa execução afim de prestar esclarecimentos.

Se a situação assim o exigir, o official de ligação pode ser acompanhado por uma escolta para sua proteção.

4) *Pelos meios technicos de transmissão*. As transmissões telegraphicais, telephonicas, ópticas ou por outro qualquer meio technico são feitas sob forma de mensagem ou de telegramma em linguagem telegraphica, condensada ou cifrada.

Toda a ordem ou informação importante deve ser transmittida simultaneamente por varios processos diferentes ou confiadas a varios agentes de transmissão que sigam itinerarios diversos.

II — NOTAS SOBRE O COMBATE OFFENSIVO

1 — Em consequencia de accões moraes o combate, assim que possível, terá lugar sob a forma offensiva, precedido de um acto brusco e brutal de atemorização, seguido de uma accão rápida, violenta de destruição e aniquilamento.

Surpresa, violencia e rapidez são outros factores menores que importam meter em jogo.

2 — O combate visa a destruição das forças inimigas em uma zona determinada, seja como um *fim* ou como um *meio* necessário ao cumprimento da missão.

Assim, elle é previsto, desejado e preparado em sua *forma geral* (offensiva ou defensiva momentanea) e nos seus meios de execução: — se os det. de segurança interpostos, desde antes do combate, entre nossa vontade de cumprir a missão e a vontade opposta do inimigo, teem assegurado a liberdade de accão do chefe e a segurança da tropa; — se esses, segundo a missão imposta ao grosso e as condições de terreno terão obrigado o inimigo a mostrar suas forças e tomar uma frente de combate, se elles têm se amparado de um certo numero de pontos de apoio e observatorios, atrás dos quaes, ao abrigo tomamos nosso dispositivo de assalto.

3 — O conjunto desses preliminares constitue o *engajamento*. Há pois uma correlação estreita entre esses preliminares, a manobra a realizar e o dispositivo a adoptar. A orientação do combate é segundo as intenções do commando,

que está ao lado do cmt. da Vg. Poderá haver o caso em que para o combate tomar todo o seu desenvolvimento, a coberto dos elementos de segurança, varias Vg. sejam constituídas — o que é muito commodo no ponto de vista de se respeitar os liames tacticos. Nesses casos é preciso cuidar que a infantaria seja parcimoniosamente repartida afim de que o commando conserve a grande parte della para os ataques. Para economizar a infantaria, o melhor será reforçá-la o mais possivel com mtrs. L. e P. e Ptrs. Acp.

A dispositivo de ataque a tomar a coberto do engajamento, é função da manobra a realizar, isto é, da determinação dos pontos a ferir; da potencia de esforço, em tal ou tal ponto, sobre tal ou tal ala, enfim, da situação geral, da missão, das condições do terreno mais ou menos favoraveis á progressão da I. e á combinação I. e A.

4 — O dispositivo de assalto comporta, pois, a collocação da infantaria que deve responder a um certo numero de considerações condizendo á necessidade de fazer entrar em acc os factores novos já referidos:

— tanto quanto possível o soldado deve ter a certeza de que achará, deante delle, um inimigo aterrorizado, vencido e enterrado (obra da A. com a preparação que tambem exalta o moral do assaltante);

— a necessidade de neutralizar, o mais possivel o periodo critico que representa a travessia do terreno de assalto para o infante, obriga a tomar as linhas de partida no minimo a 200-300 ms. afim de lhe assegurar um apoio permanente e efficaz dos fogos de A. (essa combinação de fogos Art.-Inf. permite dar ao assalto o maximo de VIOLENCIA e o maximo de RAPIDEZ);

— a collocação das tropas só attingirá seus fins ulteriores se houver o maximo de discreção para ficar assegurada a surpresa (segredo).

Não basta collocar as tropas em frente a seus objectivos para que elles o attinjam — é preciso ainda que o ataque seja coberto em seus flancos. Essa cobertura pode ser assegurada por destacamentos especiaes, metralhadoras ou mesmo artilharia.

6 — Em consequencia, para ficarmos em condições de proceder á destruição do inimigo (atacá-lo), é preciso que nos colloquemos á distancia de assalto de suas posições; urge realizá-lo *apesar do inimigo* e o mais possivel por surpresa; a collocação das tropas deve ser feita de noite e no ultimo momento, o assalto se desencadeará ao amanhecer.

A surpresa só passará ao segundo plano no caso de um combate de encontro em que não se está livre de escolher a hora do ataque, em que se ataca segundo as circunstancias e o mais cedo afim de se assegurar a iniciativa do ataque (sempre que não se sabe a posição exacta do inimigo: contra-offensiva, perseguição de Rg.).

7 — Em tais circunstancias, trata-se de realizar o dispositivo de ataque de dia e *apesar do inimigo* — fazer a marcha de aproximação, isto é, levar sobre suas bases de partida, face a seus objectivos, as tropas encarregadas do ataque, qualquer que seja a attitude do inimigo contra nossa aproximação. Com os alcances actuaes

da A. desde 10 kms. das possíveis posições de sua A. torna-se preciso tomar formação conveniente, marchar fora dos caminhos, etc., a condição de que o dispositivo de aproximação seja função do dispositivo de ataque a tomar sobre a base de partida.

8 — À segunda parte da aproximação, quando os fogos inimigos intervêm, constitue o ataque propriamente dito. Caracteriza-se, em seu conjunto, por lances sucessivos, de crista em crista, de cobertura em cobertura do terreno por fracções mais ou menos importantes; em certas linhas atingidas serão marcadas paradas necessárias à reorganização das unidades, dos dispositivos, das ligações, dos tiros de A.; em cada parada, cada um constroe seu abrigo, sua cobertura que beneficiarão os elementos seguintes que os encontrarão e melhorarão.

9 — Attingida a base de partida, a colocaçāo das tropas de ataque se faz segundo escalaes — que podem guardar distâncias ou desembocar em bloco.

a) É necessário cerrar os escalaes sobre a testa quando:

- a preparação é reduzida ou mesmo suprimida;
- dispõe-se de carros de combate;
- a aproximação é feita sem que o inimigo se aperceba della;
- manifesta-se o risco das caudas das formações escalonadas cairrem sob fogo da A. inimiga (barragens).

b) O fraccionamento em escalaes é inevitável:

- é preciso assegurar a capacidade offensiva se se trata de certa profundidade de assalto;
- é preciso garantir a rapidez do assalto, designando tropas que limpem as posições conquistadas;
- é preciso assegurar a protecção dos flancos em qualquer eventualidade, assim como poder montar pequenas manobras contornantes.

10 — A coordenação dos fogos I. A. (violência) deve existir desde a base de partida e durante todo o curso do assalto.

Duas coisas são essenciais:

- dar a artilharia com o maximo de precisão o traçado da linha de partida (segundo esboço dobrado por reconhecimentos minuciosos dos cmts. Btis. e Cias. e em particular o cmt. destacamento de ligação da A.);

— assentar qual a velocidade com a qual se dará o assalto (100 ms. em 3 minutos, em media).

Depois a execução do assalto: a I. parte a hora H., attingido o 1.º objectivo, detém-se se é o caso, lança-se sobre outro objectivo e assim por diante, até á posição final, com passagens de linha ou não.

A Artilharia cobre a Infantaria com seus fogos desde a partida; acompanha-a até a conquista de seus objectivos, sobre-a durante suas pausas, sobre-a emfim sobre sua posição final o tempo necessário á sua instalação definitiva.

Os fogos da artilharia poderão ser em certos lugares e momentos verdadeiras barragens rolantes, mas geralmente se reduzirão a concentrações sucessivas seguindo a marcha da infantaria, sobre as posições de pausa ou a final: barragens fixas, defensivas (concentrações ou enjaulamentos das zonas provaveis a desembocar de contra-ataques).

As ligações I.-A. assumem uma importancia capital por isso que todas as previsões sobre o mesmo dos fogos de A. ficam sujeitas ao incidente de combate; a ajustagem dos fogos de A. aos movimentos da I. exige que todos os meios de ligação sejam montados, em particular os de balizamento (artificios, painéis) meios que encontram applicação aliás desde a base de partida e mesmo sobre o objectivo final.

A regulação do tiro de acp. faz-se summaricamente: uma peça executa um tiro nitidamente longo e em seguida o retrocede por diminuição de alcance de 25 ou 50 ms. até que a I. avise que a A. atira muito curto.

11 — Conquistada a posição é preciso iniciar o aproveitamento do sucesso para o que se deve aproveitar qualquer momento favorável:

- imediatamente são enviados reconhecimentos (para o que se pode pedir que cesse o tiro da A.);

- esses reconhecimentos podem se tornar verdadeiras Vg. susceptiveis de impulsivar logo uma verdadeira perseguição.

Essa perseguição pode, geralmente, ser começada pelo fogo (mtrs. L. e P. de preferencia) mas sempre ou assim que possível dever-se-á iniciar pelo movimento (que em certos casos pode ser simultanea com a do fogo).

Nessa ultima phase da offensiva se repetem as formações e os processos da aproximação e do engajamento.

Livros á venda em nossa Redacção

GUIA DO CMT. DO GRUPO DE COMBATE

— pelo Ten. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel, tratando de tudo que compete saber ao seu commandante para bem dirigir a sua pequena unidade quer na paz, quer na guerra. Preço 58000, pelo Correio mais \$500 rs.

*

**

NOÇÕES DE TOPOGRAPHIA DE CAMPANHA

— pelo Ten. Coronel Paes de Andrade,

obra muito util especialmente aos officiaes subalternos e inferiores dos corpos de tropa. Preço 58000, exclusive porte do Correio.

**

COLLOCAÇÃO EM VIGILANCIA DA BATERIA por meio do goniometro e da prancheta topographica — pelo 1.º Ten. Fernando Fonseca de Araujo. Preço 58000 pelo Correio mais 500 rs.

Ephemérides do Mês

1.

1828 — Uma divisão naval brasileira, composta dos navios Liberal, Caboclo, Rio da Prata e escunas Greenfell, 1.º de Dez.º e Paula, accommetem a esquadra argentina obrigando-a a abrigar-se nos bancos da margem do rio, fora do alcance dos nossos canhões.

2.

1849 — Combate decisivo entre as tropas legalistas commandadas pelo Gen. José Joaquim Coelho e os revoltosos pernambucanos (revolução dos praieiros) commandados pelo desembargador Joaquim Nunes Machado e pelo Capitão Pedro Ivo, quando pretendiam estes tomar a cidade de Recife, sahindo os primeiros vitoriosos.

1865 — E' notificado o bloqueio da praça de Montevidéu, pelas forças brasileiras, mas a rendição da capital uruguaya só se deu a 20.

3.

1852 — BATALHA de Monte-Caseros. O Exercito aliado (argentinos, brasileiros e orientaes) sob o Cmdo. do Gen. Urquiza, ganha a batalha de Monte-Caseros, na qual coube a maior gloria á Divisão brasileira commandada pelo brigadeiro Manoel Marques de Sousa (depois barão de Porto-Alegre), destacando-se o então Tte. Cel. Manuel Luís Osorio commandante do 2.º R. C. A victoria dos aliados poz termo ao governo de d. Juan Manuel Rosas, dictador argentino, obrigando-o a refugiar-se na Inglaterra onde veio a falecer em 1877.

4.

1893 — Inicio da revolução federalista no Rio Grande do Sul.

7.

1633 — Defesa heroica do forte do Rio-Formoso (commandado pelo Capitão Pedro de Albuquerque), que é assaltado e tomado pelos Hollandeses, guiados por Domingos Fernandes Calabar e commandados por Segismundo van Schkoppe.

8.

1827 — Inicio do combate naval do Juncal, entre as esquadras argentina commandada pelo almirante Brown e a 3.ª divisão da esquadra brasileira sob o Cmdo. do Capitão de Fragata Jacintho Roque de Senna Pereira, operando então nas aguas do Prata.

9.

1822 — Ultimato de D. Pedro 1.º, ao Cmt. da esquadra portugueza de Avilez, para sua immediata retirada para Lisboa, conforme promettera, sobre pena de não lhe dar mais guarida em parte alguma do territorio brasileiro.

1826 — Batalha naval de Corales. A esquadra brasileira sob o Cmdo. de Rodrigues Lobo operava no Rio da Prata, investe duas vezes a esquadra argentina sob o Cmdo. do almirante Brown, pondo-a em fuga.

1827 — Continuação do combate naval de Juncal, iniciada na vespera, sendo a nossa pequena divisão completamente desbaratada. Nesse combate fazia parte como imediato da escuna D. Januaria Francisco Manuel Barroso (depois o heroe de Riachuelo).

10.

1756 — Batalha de Caiabaté entre as tropas de Gomes Freire de Andrade (conde de Bobadella) e os guaranys organizados pelos jesuitas e commandados por Nicolau Nhanguiru, que oppunham-se á entrega das Sete Missões do Uruguay á Portugal e portanto á demarcação dos limites do tratado de 13 de Janeiro de 1750.

11.

1599 — Tentativa de desembarque da esquadra hollandesa proximo ao Pão de Açúcar, impedido, pelo então forte de N. S. da Guia, hoje fortaleza de Sta. Cruz.

1866 — O Exercito brasileiro do Gen. Osorio chega a Tala-Corá (província de Corriente) e ahi acampa.

13.

1827 — Combate do Vacacahy, entre um destaque de 70 cavallarianos commandados pelo Ten. Marcellino Ferreira do Amaral e um outro de 100 homens argentinos, tendo estes se retirado com algumas perdas voltando porém depois reforçados com 700 cavallarianos de Lavalle obrigando por sua vez aos brasileiros a se retirar.

1849 — Combate de Pau-Amarello (em Pernambuco). O Ten. Cel. Feliciano Antonio Falcão derrota uma columna revolucionaria dirigida por Peixoto de Brito.

1868 — Passagem de Curupaty. O Capitão de Mar e Guerra Delphim Carlos de Carvalho, força essa passagem com os monitores Pará, Rio Grande e Alagoas afim de reunir-se ao almirante Inhaúma que estava entre essas baterias e as de Humaytá.

14.

1840 — Segundo combate de Sobradinho (Maranhão). O Capitão Ribeiro Soares commandante da tropa legalista destroça os insurgentes (balaios) sob o Cmdo. do caudilho Valerio.

15.

1630 — Ataque do Recife e desembarque dos hollandeses em Páu-Amarello. Enquanto duas divisões navaes atacaram Recife sob o Cmdo. do Gen. Loncq, uma tropa desembarcava em Páu-Amarello sob o Cmdo. do Cel. Werdenburgh (ao N. de Olinda).

1822 — Partem do Rio de Janeiro, 7 navios mercantes levando para Lisboa as tropas portuguesas do Gen. Avilez.

1823 — Combate nas linhas avançadas da Bahia, entre as tropas brasileiras do Gen. Labatut e as portuguesas do Gen. Madeira.

1827 — Acções de cavallaria entre os milicianos de Bento Manuel Ribeiro (destacado pelo Gen. em Chefe marquês de Barbacena em observação do exercito argentino) e o Gen. argentino Lucio Mansilla na Sanga-Fundá e Passo do Ombu (Rio Grande do Sul — Guerra contra a Argentina).

16.

1630 — Combate do Rio Doce e perda de Olinda (vide 15).

17.

1630 — Retirada de Mathias de Albuquerque de Olinda e inicio da construcção do forte denominado arraial de Bom Jesus, entrando os hollandeses vitoriosos em Olinda, depois de terem soffrido uma tenaz resistencia.

1828 — Combate naval de Barracas, perto de Buenos-Aires, entre uma esquadriilha argentina commandada pelo capitão Nicolas George e a brasileira commandada pelo Capitão de Mar e Guerra James Norton (Cmt. da 2.^a Divisão).

18.

1637 — Batalha de Comendaituba (abaixo de Porto-Calvo, em Alagoas) entre o exercito de Pernambuco commandado pelo conde de Baguol (2000 homens) e o exercito hollandês commandado pelo Príncipe de Nassau, saindo este vitorioso em virtude de superioridade númerica.

1649 — Ataque levado a effeito pelo Gen. Barreto de Meneses ás posições hollandesas na colonia (Prazeres) nos montes Guararapes.

1852 — Entrada triumphal do exercito alliado na cidade de Buenos-Aires, depois da batalha de Monte-Caseros, pondo termo á longa dictadura do Gen. Rosas. Desse exercito fazia parte uma divisão brasileira commandada pelo Gen. Manuel Marques de Sousa, depois Conde de Porto-Alegre.

19.

1649 — Segunda batalha de Guararapes, ganha sobre os hollandeses pelo Gen. Barreto de Meneses.

1822 — Combate entre as tropas brasileiras e portuguesas na cidade da Bahia do Gen. Madeira, sahindo estas vitoriosas em virtude da superioridade númerica.

1868 — Forçamento da passagem de Humaytá por 6 encouraçados brasileiros, sob o Cmdo. do Capitão de Mar e Guerra Delphim Carlos de Carvalho e tomada do Reducto-Cierva pelo Marechal Caxias.

20. — O forte de S. Jorge, do Recife, repelle um assalto nocturno dos hollandeses em numero de 600, maior vinte vezes á guarnição do forte.

1827 — BATALHA de Ituzaingo, tambem chamada do Passo do Rosario, entre o exercito argentino-oriental commandado pelo Gen. Carlos Maria de Alvear e o exercito brasileiro commandado pelo Ten.-Gen. Marquês de Barbacena, que ia em marcha de S. Gabriel para o Passo do Rosario. Após 6 horas de combate vivo os brasileiros retiraram-se, acampando nessa noite no Passo de Cacequi, sem serem realmente perseguidos pelos argentinos que embora em maior numero, retiraram-se por sua vez para o Passo do Rosario, limitando-se a uma simples observação dos nossos elementos.

1865 — Capitulação da praça de Montevidéu (então bloqueada desde 2). Assignatura do convenio pondo termo á intervenção do Brasil no Uruguay.

21.

1822 — Rendição do forte de S. Pedro defendido pelos brasileiros independentes, aos portugueses do Gen. Madeira.

24.

1684 — Estala a rebellião maranhense, dirigida por Manuel Beckman.

1827 — Combate naval do Bando das Palmas, entre a marinha imperial commandada pelo chefe de divisão João Carlos Pedro Prytz e a argentina sob o Cmdo. do almirante Brown.

1838 — Combate de S. Gonçalo (guerra dos Farrapos).

1868 — Reconhecimento naval de Assumpção feito pelos encouraçados Bahia, Barroso e o monitor Rio Grande sob o Cmdo. do Barão da Passagem.

1891 — Promulgação da Constituição da República.

25.

1826 — Ultimato do almirante W. Brown, comandante da esquadra argentina, ao Cmt. da praça da Colonia do Sacramento, Brigadeiro Manuel Jorge Rodrigues para render-se, recebendo deste a resposta seguinte «a sorte das armas é que decide da sorte das praças».

26.

1826 — Ataque a Colonia do Sacramento pelo almirante Brown, rechassado pela heroica defesa da praça sob o Cmdo. do brigadeiro Manuel Jorge Rodrigues (depois barão de Taquari).

27.

1868 — Reconhecimento, assalto e tomada de Lureles (guerra do Paraguai). Operações levadas a effeito pela cavallaria sob o Cmdo. do Gen. Victorino José Carneiro Monteiro, secundada pela ação da nossa esquadra.

O principio fundamental do nosso desenvolvimento, nosso lemma na vida, deve ser: manter a integridade de nossa condição humana. Nenhuma função particular deve preverecer jamais sobre esta finalidade suprema. — Rodó.

EXPEDIENTE

AVISO

Resolveu «A Defesa Nacional» uniformizar a sua graphia. Por uma questão de deferencia aos nossos leitores e ao Governo, não escreveremos pela graphia simplificada, já dominante nos meios cultos brasileiros.

Redigiremos, porém, nossos artigos na graphia clássica (dita usual), reservando-nos o prazer de simplificá-la logo que o Governo a officialize.

Aconselhamos aos nossos dignos leitores que nos escrevam pelo Dicionário de Cândido de Figueiredo e, sempre que possível, em letra de fórmula.

A «Defesa» julga assim prestar mais um serviço ao Exército através de todos os escalões da hierarchia.

MUITA ATTENÇÃO!!

Suspensão de Consignações

Aos nossos prezados representantes e assinantes lembramos que foi suspenso o pagamento das assinaturas de nossa revista por consignação em folha de vencimentos, a partir de Janeiro do anno presente.

E' o seguinte o teor do aviso sem numero do Sr. Ministro da Guerra, providenciando a respeito, o qual foi publicado no «Diario Official» de 28 de Dezembro do anno proximo passado:

Dia 15

«Ao Sr. Director da Contabilidade da Guerra, declarando que ficam suspensas, a partir de Janeiro de 1927, as consignações em fôlhas de vencimentos das assinaturas da revista «A Defesa Nacional».

Accrescentamos que esta providencia foi por nós solicitada ao Sr. Ministro.

«A Defesa Nacional» começará a publicar a partir de Março proximo uma serie de *informações uteis* ao estudo das *questões táticas*, procurando reunir subsídios para a organização de um *Memento Táctico* que possa auxiliar nossos estudiosos não só nos trabalhos na carta, como nos trabalhos de campo.

PREÇOS DAS ASSINATURAS

Semestre	98000
Anno	188000

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Pagina	300\$000
1/2 Pagina	150\$000

FOLHAS INTERNAS

1 Pagina	100\$000
1/2 Pagina	60\$000
1/4 Pagina	35\$000

CAPA POSTERIOR

1 Pagina	180\$000
1/2 Pagina	100\$000
1/4 Pagina	60\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado	120\$000
Impressão dos dois lados	150\$000

BIBLIOGRAPHIA

«Revista do Club Militar».

Recebemos o primeiro numero dessa revista cujo programma se resume nestas poucas palavras «ver a força armada sempre digna e respeitada, solida e florescente».

Para tal a revista tem «a esperança de cooperar, embora modestamente, na manutenção do nível de cultura geral, e profissional do Exercito, ventilando, todas as questões que entendam com a intensificação da cultura nacional, quer sejam idéas scientificas, noções abstractas ou theoricas, quer sejam factos concretos bem definidos no campo das artes e das industrias».

Tal a tarefa a que se propõe a nova revista. Que ella seja feliz e possa colaborar na evolução moral e intellectual do Exercito, unico apanagio digno daquelles que vestem farda.

«Brasil Armado».

Eis aqui uma nova revista que não se «propõe a ser uma revista de carácter exclusivamente militar, mas tendo como objectivo final, os assumptos que se relacionam mediata ou imediatamente com as necessidades das forças armadas, estreitar as relações das classes productoras e intellectuaes do país com a militar, estudando a solução de problemas, de proveito commun, que visem o engrandecimento da nossa Patria».

Grande e bello programma. Elle revela o sentimento generalizado de uma necessidade sem a qual o Exercito será sempre um eterno excluido — um divorciado. Integrá-lo na Nação, é integrá-lo na sua propria finalidade.

Bem haja, pois, áquelle que se propõem a isso.

Na Livraria Bruguet

Encontram-se á venda:

QUE A ARTILHARIA DEVE SABER DA INFANTARIA? pelo Cap. Mario Travassos.

CONSELHOS SOBRE A INSTRUÇÃO DE COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA (3.^a edição aumentada) pelo 1.^o Ten. T. de Alencar Araripe.

Historia Militar do Brasil

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8.^o com 600 pgs. de texto em composição compacta e grande numero de mappas a cores fóra do texto

PREÇO : { em broc. 12\$000
(livre de porte) { encader. 15\$000

Livraria Francisco Alves

Paulo de Azevedo Cia.

Rio de Janeiro — R. do Ouvidor, 166

São Paulo — R. Libero Badaró, 129

Bello Horizonte — R. da Bahia, 1055

EMPREZA S. A. "BRAZIL RECLAME"

RUA DO ROSARIO, 129 - 4º andar, sala 6

A empreza S. A. «Brazil Reclame» encarrega-se de varios trabalhos, taes como: Registro de marcas na Directoria de Propriedade Industrial. — Approvação de preparados e registro de diplomas no Departamento Nacional de Saude Publica. — Qualquer negocio nas Repartições Publicas Federaes e Municipaes. — Representações — Comissões e Consigações. — Hypothecas.

PROPAGANDA DE QUALQUER ARTIGO, etc., etc.

Representante de varios productos e encarregada de negocios de varios Estados, especialmente de S. Paulo, a S. A. «Brazil Reclame» aceita imcubencias de todos aquelles que a queiram honrar com seus favores oferecendo solidas garantias sobre as suas transacções commerciales.

Representantes da "A DEFESA NACIONAL"

Na Marinha de Guerra

Nos Quadros de Reserva

Cap. Gonçalves Valença

No Rio de Janeiro

E. M. E. — Cap. A. Pamphilo
D. M. B. — Ten. Floriano T. Homem.
D. G. I. G. — Ten. Cel. Paulo A. Bastos.
Ars. Guerra — Ten. Rafael Danton.
Fabr. Cartuc. — Cel. Machado Vieira.
M. M. F. — Ten. Panasco Alvim.
E. E. M. — Ten. Jorge Duarte.
E. A. O. — Cap. de Moraes.
E. V. L. — Cap. Dr. J. Benevenuto Lima.
E. M. — Cap. Orozimbo Pereira.
E. M. — Alumno Octacilio Silva.
E. S. I. — Ten. Rollim, Sgt. Escolástico.
C. M. — Ten. H. Sarmento.
1º R. I. — Major Pedro Angelo.
2º R. I. — Cap. Vicente Formiga.
3º R. I. — Cap. Pedro L. Campos.

C. C. C. — Ten. João C. Gross.
1º R. C. D. — Ten. Floriano Portugal.
15º R. C. I. — Cap. Soares da Silva.
1º R. A. M. — Ten. José Cândido Muricy.
2º R. A. M. — Ten. Antonio Marau.
1º G. A. Mth. — Cap. Silvino Campos.
1º G. I. A. P. — Ten. Vasco Secco.
1º B. E. — Ten. Bettamio.
1º Cl. F. V. — Ten. Antonio Bastos.
Fort. Sta. Cruz — Cap. Ary Luiz.
Fort. S. João — Cap. H. Portocarrero.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Lebon Regis.
Fort. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
Regimento Naval — Sgt. Santino Corrêa de Queiroz.
Pol. Mil. — Cap. Souto Maior.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2º D. I. — S. Paulo — Cap. A. Roszanny.
Q. G. 3º D. I. — P. Alegre — Cel. Amílcar Magalhães.
Q. G. da Circ. de Matto-Grosso — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5º R. M. — Curitiba — Ten. Altamirano Pereira.
Fabr. de Polvora — Piquete — Ten. Léo Cavalcanti.
Ars. Guerra — P. Alegre — Cap. F. Corrêa Lima.
C. M. — P. Alegre — Ten. Nestor Souto.
4º R. I. — Quitaúna — Ten. Alvaro de Oliveira.
8º R. I. — Cruz Alta — Ten. Carlos Martins.
11º R. I. — S. João d'El Rey — Cap. Lucio Ferreira.
12º R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
13º R. I. — Ponta Grossa — Ten. Guilhermino dos Santos.
4º B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
7º B. C. — P. Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
15º B. C. — Curitiba — Ten. Domingues dos Santos.
19º B. C. — Bahia — Ten. Cruz Cordeiro.
21º B. C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
24º B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.

2º R. C. D. — Pirassununga — Alcides Lauiodo.
4º R. C. D. — Trez Corações — Ten. Celso Pedra Pires.
2º R. C. I. — S. Borja — Ten. Osorio Tuyuty.
9º R. C. I. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
10º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
5º R. A. M. — Sta. Maria — Cap. Osvino Alves.
6º R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.
3º G. I. A. P. — Margem do Taquary — Cap. Americano Freire.
5º G. A. Mth. — Valença — Ten. Anísio Montarroyos.
1º G. A. Cav. — Itaquy — Cap. Euclides Sarmento.
3º G. A. Cav. — Bagé — Cap. Asdrubal Escobar.
Forte Marechal Luz — Ten. Francisco C. Cavalcanti.
Forte de Itapuã — Ten. Abelardo Marcondes.
Florianópolis — Ten. Zoroastro Firmino.
Força Pública de S. Paulo — Ten. Julio Salgado.
Força Pública do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
Força Pública do Ceará — Ten. Osimo de A. Lima.